

# Voz de S. Antonio



Revista mensal ilustrada

Abençoada por S. S. o  
Papa Leão XIII pe-  
lo Ex.<sup>mo</sup> Ordinário  
e varios Prelados.

N.º 5

MAIO  
SÉRIE 4.<sup>a</sup>  
8.º anno

Bautier

## CHRONICA LIGEIRA

SUMMARY: *Efeito d'umas palmatoadas e um puxão d'orelhas.* — *A Ponta Grossa e O Sapo a lamentar o menino Euclides.* — *Aviso a um vizinho.*

Os leitores estarão ainda lembrados d'uma meia duzia de palmatoadas que um Chronista da «Voz» deu n'uma creança mal comportada, em estudo e moral publica, em março ultimo, que dá na escola anti-clerical do Brazil, pelo nome de Euclides Bandeira. Foram, julgo eu, muito bem dadas e bem merecidas, nunca as mãos doam ao meu collega. Pena foi serem tão poucas.

Pois a tal creança tanto berrou, tanto escocinou e se torceu de raiva, que os seus irados lamentos chegaram aqui a Braga. Anjo bento, que dôres não seriam as do mocinho!

Ora apliquem o ouvido os meus leitores:

«Limitar-me-ei aos pontos dignos, deixando à margem o escorralho aggressivo e réles, moldado no vezeiro *calão* ultramontanô; não será, por certo, taxando-me de parvo, rematado ignorante, philaustioso, papa, santo, palerina, etc, que o *critico* ou *cretino* ha de deitar por terra as verdades inconcussas contidas no folheto *A mulher e o Romanismo*. Argumentos de semelhante calibre refutam-se por si proprios e apenas tem o merito de trahir a inanidade ou desespero de causa. São contraproducentes, mas, apesar d'isso, os clericães não os dispensam e só com armas tão degradantes — doéstos, descomponendas, insolencias... que devem ser ditas pessoalmente... — osaum vir a campo em defesa das suas *infallibilidades*.

Que luz, na verdade redundaria para o caso se eu, rebatendo o estolido assalto, surgisse taxando o chronista da *Voz* (ou quem pagou a transcripção) de reverendissima cavalgadura?»

E entidade vivente que apanha sova mestra d'uma cavalgadura, que animal será, senhor Euclides?

Quer dizer todo aquelle vociferar, que fizeram effeito as taes palmatoadas, que lhe doeram... Inda bem, que para isso lhe foram dadas. Tenha o meu menino Euclides paciência e porte-se melhor e estude mais, que tem cabeça, supponho eu para dar um sabichão.

Depois de enxugar as lagrimas o mocinho insolente quiz entrar em razões com o «Chronista da Voz» prometendo esborrachal-o na *Electra*. Poz todos os afazeres de parte, meteu-se a estudar, passou noites a dar voltas á moleira, espremeu, puxou, mas não se achando ao fim de tanto matutar com forças para a derrocada prometida, por debilidade cerebral, contraída pelas insomnias, saiu-se com o seguinte, escripto na «*Electra*»:

«Andei mal avisado (e muito mal, porque desejava conhecer a força pensante d'essa massa encefalica, para lhe poder responder a serio) prometendo tractar aqui dos pontos dignos do artigo, com a epigrapha acima, inserto na «Voz de S. Antonio», de Portugal, porque semelhante cousa não existe na ferroz catilinaria fradesca: tudo quanto disse, em materia apreciavel, o chorrilheiro critico (?) é velho como a Sé de Braga e está fóra de discussão.

Muito alvagueiramente (o heocio!) e muito insolentemente apresentou-se elle *bras dessus bras dessous* com D. Metaphysica... Ora eu, apesar de não ser *homem de sciencia* (o chronista inculca se tal... perdoa-lhe, Senhor!) não morro de amores por essa matrona respeitabilissima...»

(Ora foi precisamente por o meu menino ser cabula e não estudar um bocado de Logica, Ideo-

logia, Cosmologia e outras partes da Philo-sofia, que devia saber antes de se apresentar a falar sobre assumptos serios, que lhe foram ás unhas; entendeu?)

«Eis minha contradicta; é concisa, extremamente concisa, porque não estou disposto a gastar cêra com ruim defuncto.»

(Cêra podia o menino gastar s: a quizesse arrancar com a alavanca da unha indicadora, d'umas certas fôssas rostraes, mas luz é que não pôde accender ao Chronista da «Voz».)

Depois de alguns paragraphos semelhantes, continua azedado o mocinho:

«Ah! Estes romanistas são de força no desplan-te! E depois, cynicamente, fallam em cousas unctuosas e *seraphicas*!...

E depois, hypocritamente, appellam para a Verdade, quando escouceam n'a a valer, lançando mão de recursos menos licitos, quando tentam embair a boa fé dos simples usando, com *sans façon* (o pequeno já arrotta francez, hein!) incrível de desvelada chicana esteiada em argumentos cavilhosos que idiotamente classificam de «peremptorios, terminantes, seguros e inabalaveis» como um celeberrimo inserto na *chronica ligeira* na parte que assim começa: «mas não vá pensar o snr. Euclides Bandeira que o catholico é obrigado a admittir *inconsideravelmente* (sic) quanto lhe seja imposto em nome de Deus.

São de força, não perece duvida!

Na *chronica ligeira* nada ha que deva ser rebatido porque tudo é sedição e o que não é sedição é retrogado.»

Et *cetera* e tal e continua com mais dois ou tres paragraphos que não transcrevo por falta de tempo e mesmo por não valer a pena gastar luz com tão ruim vivo.

Ora ahí está a defeza do snr. Euclides Bandeira; tal qual a sua *mulher* e o *romanismo*; palavras, afirmações. De provas nem sombras. E depois ainda não queria que lhe fossem ás unhas! Estude, prove o que diz e depois faremos pazes.

Falei no «*Electra*», jornal que dizem ser do menino Bandeira, e os meus leitores hão de querer saber que papel será esse, para pelo filho conhecerem melhor o pae.

O «*Electra*» é um jornalequinho, muito pequerruchinho, cuja area impressa mede (olhem que o medi com fita metrica) 0<sup>m</sup>,275000x0<sup>m</sup>,157000000 Toda esta grande dimensão vem repleta de imprecações, maldições e azedumes e calumnia contra o clero e o Vaticano. O padre é o «sectario do Vaticano; o missionario do mal, heretico sem vergonha»; a religião christã é a «negregada religião», a Igreja de Roma «esse penhasco informe, blindado pela salsugem de tantas superstições, sordicia e de tantos crimes...»

Eis o «*Electra*.»

Já vêem os leitores que foi merecida a cosinha.

Deu-se ainda um facto curiosissimo com respeito ao assumpto, que os leitores gostarão de apreciar.

Quem já frequentou uma escola primaria terá observado que, quando um alumno, ou por tapadote, ou por mandrião, ou por malcreado e patife, ou por tudo junto, é chamado á ordem para levar a sua continha, os incursoes no mesmo peccado, logo que ouvem os gritos do desgraçado, que se torce dolorosamente debaixo da palmatoria, começam a lagremear de medo. Dá-se tambem o mesmo fenomeno, quando ao martirio do infeliz estão presentes os amigos do pião, dos ninhos, dos botões, ou da maroteira, que então choram por amizade.

# Voz de S. Antonio

Redacção e administração — Braga

## SUMMARIO

### Reacção!

- I Parte — *Secção Doutrinal*: A posteriori. — Beata Baptista Varani. — Resignação. — Indulgencias, etc.
- II Parte — *Secção Historica*: A republica de São Marinho. — Pensamentos. — Anecdotas.
- III Parte — *Leituras Amenas*: Os Cavalleiros da Mercê: a filha do escravo; o resgate. — Junto ao Tejo: uma familia interessante.
- IV Parte — *Culto de Santo Antonio*: O Pão de Santo Antonio em Braga. — Guimarães. S. Paio de Melgaço. — Condeixa. — Arouca. — Barcellos. — Brazil e diversas partes. — Os cofres. — Novos membros da Pia União. — Recommendações. — Os nossos defuntos.
- V Parte — *Secção Scientifico-Litteraria*: Quadros Biblicos. — Esther. — Bibliographia. — As nossas illustrações.
- VI Parte — *Chronica Universal*: Roma. — Portugal, etc.
- Gravuras*: Delarey (general Boer). — Sepulchros de Absalão e de Elias. — Sport Vecicopedico.

Editor — D. J. de Souza Gomes.

Pap. e Typ. Universal — Augusto Costa & Mattos.

## REACÇÃO!

zer as naturaes exigencias do homem e dos povos.

Interesses de ordem ethico-civil e não factos puramente economicos e financeiros, determinam as grandes reformas do futuro. Revela-o a natureza especifica e individual de cada homem, provam-nos as massas populares inconscientes, evidenciam-na as vigorosas discussões do mesmo parlamentarismo contemporaneo; o individuo, a classe, a magistratura.

E revelam-no, provam-no, evidenciam-na n'estas luctas interminaveis da consciencia contra o dever, da força contra o direito, do imperio contra o sacerdocio.

E' vêr como desde o caudilho mais sirigaita de revolução até ao magistrado mais possante não se fala senão de religião e de crenças.

Um ataca, outro defende; este utiliza-a como derivativo, aquelle odeia-o como um monstro. Mas o que é certo é que se fala d'ella, e passou a generalisar-se a ideia de que nem socieda-

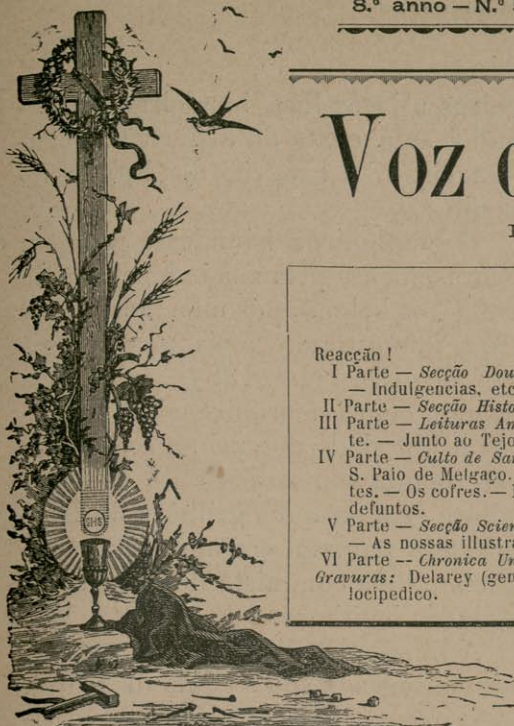
FUNDOU-SE ainda ha bem pouco na voragem dos tempos uma época a todos os respeito memoravel: — O seculo XIX!

Todas as edades têm a sua nota característica e a do seculo XIX ficou em parte representada no facho de luz com que intentou dissipar as trevas do obscurantismo e do ultramontanismo!

Baldado empenho.

A Igreja Romana sobreviveu ao seculo XIX e tem de ser ainda o esteio do seculo XX.

Nem as aspirações vagas do seculo passado para a conquista de todos os ideaes, nem os principios turbulentos em que se vem agitando o seculo XX podem por fórma alguma satisfa-



de civil nem politica se podem haver sem ella.

E' este um facto psychologico que revela como todos os grandes acontecimentos um profundo despertar religioso.

Sempre coube ao christianismo a gloria de operar salutaes revoluções.

\*

Precisamente quando as doutrinas pantheisticas do paganismo davam tudo ao Estado para tudo ser absorvido por elle e n'elle, a religião christã deu o abraço á gentildade escrava e começou de crear indefinidos institutos sociaes.

D'ahi a formação d'uma vida social nova inteiramente distincta da vida politica da época; d'ahi a emancipação nobre de individualidades arrancadas aos grilhões do Estado para produzirem as glorias dos seculos XIII e XIV; d'ahi a salutar reacção, nunca ao depois desmentida, em que o povo christão, o clero e os Papas souberam contrabalançar os abusos da Renascença, da Reforma e da Revolução franceza, oppondo esforços a esforços mas sempre no terreno da legalidade, sempre salvaguardando a um tempo a moralidade e as economias.

\*

Não é devaneio phantastico mas coisa assente na philosophia da historia da Igreja a proclamação que ella desde o seu berço vem fazendo da autonomia do individuo, das sociedades e dos povos.

O que é *autonomia individual* senão uma liberdade particular em acção, senhora de si e dos seus actos? Pois sempre que as liberdades naufragaram ao sopro do despotismo e da revolução os catholicos foram os pri-

meiros a jurar-lhes bandeiras e a defendel-as á custa de dedicações insuperaveis. E' a historia da Igreja no seculo XIX.

Os catholicos irlandezes pugnam valorosamente pela sua independencia (1829), os belgas após uma lucta de 70 annos inauguram o mais amplo regimen de liberdade (1884), a França reclama com Lacordaire e Montalembert a liberdade do ensino, a Suissa e a Germania sob o jugo de Sunderbund e esta entre os grilhões do Kulturkampf pugnam constante e vigorosamente pela conquista de todas as liberdades legitimas.

A liberdade filha do, dever, gerada e conservada sob a égide da moral, é certamente indispensavel ao individuo, mas quem melhor a salvaguardou que a Igreja, essa Igreja que aboliu a escravatura, luctou contra o cesarismo, reivindicou para seus filhos uma esfera d'acção fóra da competencia do Estado, atacando até aos ultimos reductos o protestantismo e substituindo uma atmosphera moral mephitica dos fulgores novos d'uma civilização tão bem caracterisada por Leão XIII?

Mas a Igreja quer tambem a *autonomia das classes* que são expansão das individualidades e ás quaes em direito o Estado tem de attender, harmonizando o bem particular com as exigencias da disciplina.

Forma de governo christão adaptado essencialmente aos pobres e aos fracos, quem melhor do que a Igreja poderia valer ás sociedades e aos povos para os fazer collaborar ao vasto plano da Providencia?

A unidade Germanica operada por S. Bonifacio, a franceza por Clovis, Carlos Magno e S. Luiz, a italiana por Francisco d'Assis, por S. Thomaz, pelo Pontificado, todas as nações em-

fim vivificadas pela seiva fecundante do Evangelho provam a fartar que á Egreja se deve a educação dos povos e a formação de seu caracter proprio.

Reclamando estas glorias para a Egreja não fazemos mais do que reclamar de todos mais respeito áquella que os engrandeceu e opulentou, que lhes formou o caracter e lhes alargou a esfera d'acção para a conquista da felicidade.



## Secção doutrinal

### A POSTERIORI

A soberba é uma pessima conselheira, e é n'ella, levada ao seu ultimo desvario, que se inspiram os racionalistas.

Segundo elles Deus não nos é preciso — basta-nos a razão. Nunca se desenganam á medida, que se vão vendo obrigados a pôr de parte como falso aquillo, que a razão lhes malsinára como verdadeiro. Spencer, por exemplo, não nega o principio de causalidade, que alguns racionalistas negam, porque conduz a Deus, e Deus não existe. E' o argumento á posteriori preferido aos que, á priori, nos levam ao principio de causalidade, e este a Deus. Na verdade a razão diz-nos que, ainda que as gerações de animaes viessem de milhões d'annos, sempre haviamos de chegar a uma causa que não fôsse d'ella mesma effeito — que tivesse em si o seu proprio principio, isto é eterna, ou existente por sua essencia. Os effeitos que nos cercam não se explicam com essa causa. Mas Spencer sae d'esta difficuldade negando-nos o direito de applicarmos ao sobre natural argumentos naturaes!...

Risum teneatis! Em que funda Spencer a sua auctoridade para dar-nos, ou tirar-nos o direito de pensar e discorrer segundo as

regras da logica? Não é de certo na sua modestia.

Permitte Deus que quem O nega, por intelligente que seja, se faça um pouco *Spencer*. Assim o desvario dos racionalistas tem chegado a ponto de negarem que Christo *morresse* na Cruz: por que, sendo o seu apparecimento em vida depois de ter morrido, uma prova da Sua Resurreição, que elles negam — contestam que chegasse a morrer: teve apenas um deliquio, do qual *naturalmente* desportou.

E é tempo perdido argumentar-se aos racionalistas com o testemunho da historia, segundo a escreveram homens da mais alta capacidade — uns amigos outros inimigos do Christianismo — figurando entre aquelles muitos, como S. Paulo, que principiam por inimigos de Christo, ou por pagãos — e vieram a dar a vida em confirmação da Fé do mesmo Christo.

Todos esses foram uns *ingenuos* ou uns famosos impostores — amigos de Christo, inimigos seus, e convertidos! Se isto é serio, prova a insensatez do orgulho. Ha homens, embora muito intelligentes, que suppoem vêr melhor acontecimentos passados ha perto de dois mil annos — n'uma civilização que se honra com Cicero, Epicteto, Seneca, Tacito, etc. — do que os contemporaneos da estatura de S. Paulo, de Flavio Joseph, de Celso e de tantos sabios christãos dos primeiros tempos, que *não puzeram em duvida* os successos da vida de Christo — com quanto não poucos fossem herejes. Estes divergiam na intelligencia, que devia dar-se aos Evangelhos, mas não negaram a sua doutrina — que assim recebia confirmação insuspeita para os inimigos do christianismo. E todos elles procediam em vista de documentos, muitos dos quaes se perderam; e de tradições por assim dizer, *vivas* de testemunhas oculares rendidas, como S. Paulo, á evidencia dos factos miraculosos, que presencearam. E nada d'isto impressiona Straus, Spencer e outros, que não cessam de imaginar expedientes para *anniquilarem* o passado e reconstruilo a seu modo.

O facto da Resurreição de Jesus Christo é o alvo principal dos seus ataques: porque, provado que não se dera, todo o edificio christão desabaria, como bem o diz S. Paulo aos corinthios: *Si autem Christus non resurrexit, inanis est prædicatio nostra,*

*inanis est fides vestra.* Se na verdade Christo não resuscitou, é vão o que prégamos e vã a vossa fé.

Mas por isso mesmo que a Resurreição é o fundamento cardeal do Christianismo, está ella cercada de provas irrefragáveis para qualquer, que não esteja obcecado pelo sectarismo.

Que Jesus Christo foi condemnado ao supplicio da cruz confessam-no aquelles mesmos, que se lembraram de chamar deliquio á sua morte — sem outro fundamento, que não seja uma improvavel phantasia: pois não é *natural*, diz Rénan, que o odio dos judeus não fiscalizasse rigorosamente se a sentença de Pilatos se cumpria á risca. Isto é que é *natural*. Aventar o contrario chega a ser ridiculo, se não é tentativa ingenua de logração.

Morto Jesus, dizem os Evangelhos (e não o contestaram os judeus nem os gentios) que o Seu Sagrado Corpo foi por Pilatos concedido ao nobre judeu Nicodemos, que lhe deu sepultura em um tumulo aberto em rocha. E, sepultado Jesus, os judeus pediram guardas a Pilatos para vigiarem o Sagrado Sepulchro; allegando que Jesus predissera a *Sua resurreição* ao terceiro dia, e que era preciso acautellar-se o caso.

Pilatos deu-lhes guardas, e os judeus entregaram-lhes o Sagrado Sepulchro, depois de o terem sellado com segurança.

E' *natural* que tanto os guardas, como os proprios judeus fiscalizassem diariamente como os sellos estavam intactos; e nos dois primeiros dias não consta que os sellos fossem violados — *como constaria se o tivessem sido.*

Na madrugada do terceiro dia encontrou-se o Sepulchro *francamente* aberto; e o corpo sagrado de Jesus não estava lá.

Nada d'isto se contesta com fundamento em qualquer tradição, documento curioso, ou narração de amigo ou inimigo de Jesus, que mereça fé.

A narração dos Evangelhos é, em boa critica, verdadeira.

Como desapareceu do tumulo o sagrado Corpo? Os judeus fizeram correr que os guardas tinham adormecido, e os discipulos de Jesus *na madrugada do terceiro dia* violaram o tumulo, e roubaram o corpo de seu Mestre — sem mesmo terem a cautella de não deixar vestigios, que provocassem prejuizos immediatos.

Pois-os guardas deixaram-se adormecer *no momento, que lhes fora assignado como perigoso?* Pois um corpo de guarda não tem sempre sentinellas, que são rondadas, e portanto *não adormecem?* Póde suppôr-se que a disciplina romana desprezasse esta cautella — *mormente na occasião que era mais necessaria!*

Nada d'isto tem senso commum.

Os milagres que Jesus praticara, e que são *factos historicos*; os prodigios não menos historicos, que se deram durante a Paixão — e foram notados na Grecia e na Asia, não menos que na Judêa — dão que pensar.

Demos aqui por um pouco a palavra á historia — sem nos inclinarmos para os amigos, nem para os inimigos de Jesus.

Diz-nos ella que os magnates do povo judeu tão audazes contra Jesus emquanto vivo — nem foram ao Santo Sepulchro verificar a sua *violação!* E, sabendo bem onde encontrar os discipulos não deram um só passo para castigal-os de tão grande atentado, como a violação do Sepulchro de seu Mestre, e a subtracção do Seu corpo — nem exigiram do Pilatos o castigo dos soldados negligentes — antes intercederam por elles perante o Presidente. Os lobos tinham-se tornado cordeiros.

Por outro lado os discipulos de Jesus, tão timoratos em vida de seu Mestre, pareciam cheios de coragem depois da sua morte. Alguns foram ao Santo Sepulchro verificar a ausencia do corpo Sagrado; e todos principiam a publicar que Jesus resuscitara.

Que facto se dera pois *em seguida á morte de Jesus*, que tanto animava os francos, e acovardava os poderosos? Evidentemente estes temiam mais Jesus morto, do que o tinham temido vivo — mesmo depois dos prodigios, que acompanharam a Paixão.

E' que *para elles*, Jesus resuscitara; e resuscitando, tornara-se de réo juiz — de sua victima seu terror.

Mas vejamos o que nos diz ainda a historia.

Quarenta dias depois de desaparecido do Sepulchro o corpo de Jesus, Pedro apparece em Jerusalem, e prégando á porta do Templo, converte em dois dias cinco mil pessoas; ou quasi tantas mil, como de centenas d'ellas Jesus convertera em tres annos!

Pedro é levado á presença do Sanhedrium... que o absolve! A que é devida tal clemencia? A que attribuir tantas conversões?

A meu vêr ao mesmo factó: á Resurreição. O Sanhedrium recebeu, que Jesus viesse *vingar* Pedro, se o condemnasse; e muitos, que, apesar dos milagres de Christo, duvidavam que Elle fosse o Messias, porque o não viam *glorioso* mas pobre e perseguido — tiveram na Resurreição a explicação da contradicção apparente das prophcias — e *crêram no Messias*.

Paulo foi talvez do numero d'estes. Parece que andava *abalado*: porque Jesus no caminho de Damasco não lhe diz: *não me persigas!* mas, *porque me persegues?*... se já crês em Mim.

A historia vem pois em apoio da verdade da Resurreição de Christo, sem a qual não teria explicação o acovardamento dos judeus, e a coragem dos Apostolos privados do seu chefe, ao lado do qual se tinham mostrado tão timoratos.

Os racionalistas podem imaginar hypotheses contra o christianismo: o que não podem é destruir os factos que o abonam, e cujas consequencias estamos sentindo — factos que auctoridades scientificas muito superiores ás dos racionalistas, *depois de maduramente estudados*, admittem como certos.

O racionalismo quando um factó não lhe convem nega-o; se os processos *invariaveis* da logica o incommodam, põe-nos de parte; e assim faz das suas hypotheses mais aereas theses *demonstradas*. Assim dá elle por demonstrado, que não existe o maravilhoso, apesar do testimonho da historia, que os maiores philosophos tem acatado.

*Vencida* esta difficuldade, o racionalismo argumenta *á posteriori* contra os milagres. Seja qual for a sua evidencia historica, nega-os: porque, *não havendo maravilhoso*, elles são *impossiveis*.

Assim desorientado, Emilio Zola em Lourdes não viu milagres onde uma junta de medicos os reconhecia.

Argumentemos nós tambem á posteriori, mas lealmente, a favor do christianismo, e contra os racionalistas. *A priori* prova-se a sanctidade dos principios do primeiro, e a roundade dos methodos do segundo — porque *principios* não os tem.

O christianismo foi a felicidade dos ho-

mens e dos povos que o praticam: o racionalismo nem felicita homens nem povos. Assim o prova a observação.

Se a verdade é fecunda, e o erro estéril como todas as negações — podemos concluir *á posteriori*, que a verdade está no christianismo, e o erro no racionalismo.

E d'isto se vão convencendo os racionalistas mais notaveis: porque as conversões d'estes ao catholicismo amiudam-se.

Até no Portugal mais intelligente (ainda tão paganizado) aquellos, que ha pouco escreviam impiedades monstruosas, parece irem tendendo para ascetas.

O talentoso auctor da *Velhice do Padre Eterno* daria hoje tudo por não ter escripto tal livro. Diremos: *Crescite et multiplicamini*.

P. D.



#### Santo Protector para o mez de Junho

*Beata Baptista Varani*. — Damos hoje um exemplar de virtude ás donzelas das classes abastadas. Já que, n'estas camadas altas da sociedade estes exemplos tanto raream, copiemos os dos seculos passados.

Baptista Varani descendia d'uma familia nobilissima de Italia. Julio Cesar Varani, generalissimo das tropas pontificias, principe soberano de Camerino, e Joanna Malatesta, filha de Sigismundo Malatesta, principe soberano de Rimini, ligados ás nobres casas d'Este, Malatesta, Sfarza, Trinci, Colonna, Farnese, Orsini, e outras, foram os seus paes.

Rica e nobre, affeição-se logo, ao raiar da intelligencia, á vida sumptuosa e ao luxo, sem com tudo chegar a desmandos immoraes: vaidosa em extremo, não foi uma Magdalena. Concorriam para ensoberbece-la os dotes de corpo e espirito, maximamente estes, com a esmerada educação litteraria que lhe proporcionou seu pae.

Quem ao vê-la trajada luxuosamente, adama-da e mancirosa, rodeada das jovens da sua condição, sobresahindo a todos em graças e ademanes, lhe vaticinaria uma vida penitente na apertada clausura das Clarissas Pobres?

Grande é a potencia divina para fazer da vaidade humana, filhos escolhidos do seu reino!

O primeiro golpe da graça feriu-a tercia: ella oito a dez annos. Ouvindo prégar sobre a paixão de Jesus Christo a um padre franciscano, tão comovida ficou, que propoz meditar todas as sextas-feiras na paixão e derramar pelo menos uma lagrima.

Mas bem depressa comprehendeu que não anda sempre á mercê da vontade o coração, nem os olhos ao dispôr d'este. Vendo frustrado o seu proposito cahiu n'um aborrecimento e tibieza mortal.

Deparou-se-lhe afinal um livro que versava o assumpto, e ella pôde aprender n'elle o modo racional de meditar os tormentos do Salvador.

Desde então destinava todos os dias algum tempo, para aquella occupação, unico exercicio de piedade que praticava diariamente. O resto do dia era para o tocador, dansa, musica, leituras frivolas, passeios e visitas. O contraste entre um Crucifixo nú, cheio de dôres e oprobrios, e o luxo e vaidosa sumptuosidade de Baptista não lhe passavam despercebidos, antes lhe causavam remorso; mas calejara nos habitos em que a crearam, e a affeição demasiada á vida mundana esterelizava qualquer proposito que o seu espirito exigisse.

Passou assim tres annos.

Baptista ouviu outro sermão d'um padre franciscano na quaresma de 1477. Teria então vinte annos. O orador desenvolveu eloquentemente o texto: *Timele Deum*. Baptista possuiu-se vivamente da eternidade. As espadas escaldantes do temor de Deus traspassaram-na.

— «Não me posso salvar no mundo. Ou claustro, ou inferno»

Foram os seus propositos. Mas o mundo tão seductor para a sua vaidade não lhos frustraria?

O seu espirito affeito a passatempos mundanos, ia soffrer um embate tão doloroso quanto insolito.

A ideia d'uma cela tetrica e sombria como um sepulchro de vivente, um claustro apertado e frio como uma masmorra, um habito grosseiro e molesto, que triste contraste faziam na sua mente com os salões espaçosos, as dansas vertiginosas, os mil costumes de garridas côres, perfumados com as mais raras essencias balsamicas?

«Mas o Paraiso!... o inferno!... a Eternidade!...»

Este combate da carne contra a consciencia dava-se todos os dias, sem que Baptista se resolvesse curtar decisivamente pela vida mundana que a afagava.

Um dia meditando com muitas e anciosas lagrimas ouviu uma voz que lhe dizia:

«Fica-te no mundo se queres, mas olha que o mundo não te dará a felicidade.»

Baptista resolveu-se e o seu espirito recobrou um socego placido como nunca.

Vae entrar para as Pobres Clarissas de Urbino.

Depois d'uma guerra domestica, em que seu pae usou simultaneamente do amor, e da violencia para lhe quebrar o proposito, entrou alegre no noviciado de Urbino a 17 de novembro de 1481.

A vida sublime que passou no claustro não cabe n'estas linhas. Foi tão louca, na religião, pela paixão e amor de Jesus Christo, como no mundo pela vida sumptuosa.

A paixão do Salvador, e principalmente as suas dôres mentaes, foram o objecto quasi unico das suas prolongadas e extaticas meditações.

De tal modo se entranhou no mar amargo da paixão de Christo que Jesus lhe revelou a immensidade das dôres mentaes do seu coração sacrosanto e lhe ordenou que as escrevesse.

Elevou-se, por esta via tão alto no amor de Deus, que Jesus Christo lhe mostrou um dia o seu nome escripto com letras d'ouro no seu santissimo Coração e um seraphim levou-lhe n'um rapto amoroso a alma até ao Calvario onde permaneceu em continuos extasis dois mezes.

Depois de estas e muitissimas outras provas de amor que Jesus lhe testemunhou, depois de muitas provações do ceu e ataques violentissimos

do inferno rodeada da fama dos seus milagres, morreu aclamada por santa a 31 de maio de 1527.

Resa-se d'esta Bemaventurada na Ordem Seraphica a 2 de Junho.



### Virtude a imitar

*Resignação no soffrimento.* — Nasceu com o Christianismo esta virtude tão necessaria á nossa vida psichica e social. O soffrimento é um facto universal: pesa sobre todas as classes e magoa todos os individuos. Não ha coração que não tenha sentido a morder d'este espinho que brotou da corrupção que trouxe o peccado original á natureza humana; e onde se nutre e medra.

Mas se a dôr é uma necessidade é tambem uma felicidade, e tal que sem ella seria muito hypothetica a nossa salvação.

Esforcemo-nos por aclarar esta verdade tão principal.

Creada para a felicidade, e conscia do seu destino glorioso, a alma humana foge da dôr e aborrece o soffrimento. Se pois cae sobre ella a tribulação n'esta vida, entra em si, e diz consigo: não é aqui a minha felicidade, não pôde ser aqui o meu destino, a minha patria. E o ceu apparece-lhe como radioso sonho de esperanza. Despega-se das creaturas e olha saudosa para o ceu. E não são as saudades do paraiso e o desprendimento do mundo uma felicidade? E não foi o soffrimento que vos trouxe uma e outra virtude?

Foi este argumento simplicissimo de razão natural, que levou Socrates a crer n'uma vida de ventura suprema, que succedesse a esta cheia de amarguras.

A alma que soffre, n'uma palavra, é feliz porque não pôde ser d'este mundo, masmorra dos seus padecimentos; e se não é d'este mundo procura naturalmente as consolações de outro.

Mas ainda mais que a da razão é eloquente a voz da fé christã, da crença da Igreja.

Jesus Christo, diz nos ella, veio remir a humanidade, isto é, traçar-lhe o caminho que guia á verdadeira felicidade, cujo norte perdeu toda a carne mortal. E qual a via que seguiu Jesus e que nos mandou palmilhar para conquistal-a? O soffrimento. Desde o Presepio até ao Calvario só pisou espinhos e abrolhos. E se Jesus é a nossa via, verdade e vida, só a alma que soffre está no verdadeiro e seguro caminho, só ella terá um termo de viagem ditoso, só ella é feliz.

Mas segundo o Christianismo o soffrimento é mais que uma felicidade. E' um quasi semideus, uma entidade moral a que tributa venerações.

O primeiro e o mais sublime acto do seu culto é o sacrificio d'uma victima; um Crucificado é o objecto das suas preces, e actos religiosos; a cruz, a synthese de todas as dôres, colloca-a sobre a ara do sacrificio, asteia-a nos prestitos religiosos, ergue-a sobre os templos, planta-a á cabeceira da sepultura dos seus finados, desenhana no ataudé dos seus defuntos, manda aperta-la pelas mãos convulsas dos agonizantes, quer que os seus prelados a tragam patente sobre o peito, não dá uma benção, não santifica um objecto, não



principia uma resa sem ser mediante a cruz, a exige como distinctivo dos verdadeiros christãos que a façam seus filhos sobre a testa, labios e peito.

E mandando prostrar perante elle as multidões christãs, e solemnizando-a com festividades e preces especiaes, e consagrando-lhe templos e altares, não presta a Igreja culto ao soffrimento cuja individualização é a cruz?

Parece que a cruz são as suas complacencias, os seus amores.

E' que a Igreja sahio do peito agonizante de Jesus, jorrou com as ultimas gotas do sangue d'aquelle Coração rasgado pela lança, amargurado com todas as dôres. Nascida no soffrimento, fiel a sua origem, é a tribulação a sua vida. Sempre em todas as regiões e tempos, é esta a sua historia. Desde as perseguições dos imperadores romanos até ás dos liberaes d'hoje, desde as heresias dos gnosticos, arianos e protestantes até aos mações, liberaes, socialistas, anarchistas e indifferentistas dos nossos tempos, não viveu outra vida que não fosse a da tribulação. Os seus filhos primogenitos não se alimentaram d'outro pão. S. Paulo, não sabe regosijar-se senão na cruz; S. André, louco de regosijo, ao ver a cruz onde ia morrer, rompe, n'um canto delirante de affectos: os martyres dos primeiros seculos clamam pelas fêras, pelas chamas, pelas grelhas, pelo ecúleo, — pelo soffrimento — que lhes dará a verdadeira dita. Os que lhes succederam não se alimentaram aos peitos d'outra mãe. Uns queriam «padecer e não morrer» outros «ou padecer ou morrer.» Os contemplativos buscam o soffrimento nas penitencias, solidão e sujeição da clausura, os evangelizadores nas fadigas do pulpito e confessionario, o missionario nas regiões inhospitas do gentilismo. Sempre e em todos os tempos os filhos legitimos da Igreja procuram, buscam, clamam pelo soffrimento com a sofredão d'um faminto, com o desejo do febricitante que clama pelo caustico, com as ancias do naufrago que grita por soccorro. O soffrimento é a sua vida, não pôde estar sem elle senão morre.

Não será pois feliz a alma atribulada, por viver a vida verdadeira da Igreja, se alimentar com o pão das lagrimas, com esse alimento, que deu palmas aos martyres, lirios ás virgens, coroas aos confessores?

\*

E' o soffrimento uma felicidade, mas para a alma resignada sómente.

A dôr resignada é a base segura da esperança, sem esta divina virtude a dôr é um desespero. O suicida tambem soffreu, mas porque se não resignou perdeu-se.

Para a alma resignada a tribulação é uma doce amargura, uma infelicidade feliz, uma desventura venturosa, uma ditosa desdita.

O soffrimento é a semente da felicidade: Christo não resurgiu senão depois de crucificado, mas a resignação é que a faz germinar, nutre-a, amadurece-a.

Almas atribuladas, pelos remorsos de passados crimes, pelas injurias ou calumnias do proximo mordaz, pelas difficuldades da subsistencia, pelos fracassos e revezes da fortuna... — pela dôr — não queiraes perder a preciosa joia do soffrimento, não queiraes exacerbar as feridas da vossa alma com o desalento desesperador. Tende um pou-

co de coragem, que depois da noite vem o dia, depois da tempestade a bonança, depois dos rigores do inverno as doçuras da primavera. Tende enimo que cedo talvez encerrará a sepultura as nossas dôres, e vos acolherá na gloria o Rei dos martyres.

Soffrei resignados, que o soffrimento é a chave do ceu, a preciosa margarita com que mercareis a gloria, os talentos com que pagareis ao creedor do genero humano as vossas dividas.

Agradecei a Deus o ter-vos posto no caminho seguro da felicidade, o ter-vos dado cabedades para commerciardes com elle o Paraiso: agradecei-lhe o soffrimento.

Soffrei resignados como soffreram por vós Christo, os apóstolos, os martyres confessores e virgens, para triumphar com elles na gloria.



### Indulgencias plenarias

N'um dia do mez á escolha.  
No dia 6 — Coração de Jesus.  
No dia 13 — Santo Antonio.  
No dia 24 — S. João Baptista.  
No dia 29 — S. Pedro e S. Paulo.



### Absolução geral

No dia 6 — Coração de Jesus.



## Secção historica

VISCONDE DE POLI

## A REPUBLICA DE SÃO MARINHO

(VERSÃO DO FRANCEZ POR BATTAGLIA RAMOS)

### IV

**E** com esta organização, tão pouco democratica quanto possivel, mas disposta em todo o seu conjuncto de maneira a dar a todos a maior somma de bem estar material e moral, que a republica tem atravessado victoriosamente os seculos, escapando aos Malatesta, aos duques de Urbino, aos visinhos audaciosos, ás agitações revolucionarias, sobrepondo-se, por assim dizer, serenamente no seu pedestal, aos restos dos imperios, dos reinos e das republicas que ella tem visto fazerem-se.

S. Marinho não tem exercito permanente; no entanto todo o cidadão é considerado defensor da patria e das leis, não se admittendo a jurar bandeiras senão homens probos e de proceder correcto.

Era proverbial outr'ora a valentia d'estes robustos montanhezes. Pio II, para reffrear os fogosos impetos do senhor de Rimini requisitou o auxilio dos «seus queridos filhos os capitães, o conselho e a communa de S. Marinho».

Tinha o exercito pontificio soffrido alguns revezes, quando, dos montes proximos, se vê descer um punhado de homens resolutos que, animando e combatendo, fazem com que a victoria se decida a favor do Papa.

Reconhecido, o Pontifice, cede por breve de 23 de setembro de 1462, Fiorentino, Montegiardino, e Serravalle (esta ultima, segundo se diz, presente, alguns seculos antes, de Pepino á Igreja) tudo localidades ainda hoje fazendo parte do territorio de S. Marinho.

Em 1499, João Sforza, senhor de Pesaro, ameaçado no seu principado, pede á republica a ajuda de cincoenta infantas bem armados: «Espero que me não direis que não; é nas occasiões que se conhecem os amigos.

Parece que, por esta occasião, tambem S. Marinho se ressentiu da desordem que lavrava na Italia

A imminencia do panico nacional é ordinariamente propicia ás agitações e ás innovações. Invadida pelo duque de Valentinois, a republica soffreu o dominio, com resignação, até á morte de Cesar Borgia; depois dissiparam-se as nuvens e S. Marinho tornou a vêr o sol da sua soberana independencia.

«Exhortamo-vos — escreveu o Papa Julio II — a conservardes a alma forte e grande, reconhecendo que nada ha mais doce nem mais util que a liberdade».

Foi como este espirito que os habitantes de S. Marinho, repelliram com victoriosa energia, em 1542, o assalto nocturno de Fabiano do Monte, e mais tarde os repetidos ataques do senhor de Verruchio. Todavia, foram menos felizes no principio do seculo XVIII, quando um famoso estadista, o cardeal Julio Alberoni, do logar de primeiro ministro em Hespanha, passou a delegado em Ravenna. Sob o pretexto de que a republica tinha lançado injustas sen-

tenças contra pessoas estranhas á sua jurisdicção, o cardeal invadiu, á frente d'uma numerosa escolta, o territorio de S. Marinho.

Confiado na justiça do Summo Pontifice, o governo não usou da força para repellir a força.

O delegado reuniu os capitães e o povo na igreja afim de abolir a republica e celebrar juramento de fidelidade ao novo regimen.

No entanto é preciso dizer-se, uma parte da plebe, aspirando á novidade e á humilhação das classes dirigentes, estava prestes a inclinar-se ao dominio do Papa; mas a nobreza fez varonilmente frente á tempestade e conservou-se fiel á liberdade — como Julio II havia recommendado a seus antecessores.

Lembrando-se das palavras do Redemptor, um dos que iam prestar juramento, ao chegar a sua vez, disse altivamente ao delegado:

— *Transeat a me calix iste!*...

«Não agrada a Deus certamente, que, em face do nosso santo Patrono, eu me transforme em perjuro contra a minha patria! Quero morrer gritando: «viva S. Marinho e viva a liberdade!»!

Um dos ecclesiasticos presentes repetiu estes brados com voz vibrante e a cerimonia religiosa terminou por fórma inesperada.

Clemente XII deu razão ao patriotismo, ao direito e á liberdade: a 5 de fevereiro de 1740, a republica, desembaraçada d'uma turbulenta usurpação, foi reconstituída nas suas tradicionaes bases, e este anniversario tornou-se desde então umas das grandes festas nacionaes.

O abalo havia sido grande, e teve um episodio infeliz; a constituição foi modificada; o conselho supremo reduzido a quarenta membros. A administração, a justiça, a instrucção publica, os costumes, tudo soffre por causa d'estas mudanças, mais perigosas que inuteis; nunca é sem perigo que se altera o contracto social, e é sobretudo no campo da economia politica que o optimo é inimigo do bom.

Digamos para honra dos dirigentes, que não demoraram muito em perceber o erro commettido e que por consequencia se apressaram a voltar ás antigas leis que, desde então, nunca mais foram alteradas.



DELAKEY (GENERAL BOER)

## V

Terá este pequenino estado — cuja soberania é reconhecida por todas as potencias e que tem os seus embaixadores junto d'ellas — politica exterior?

A pergunta fará sorrir os que não forem da opinião do visconde de Cormenin, sobre a essencia da soberania e sobre o imprescriptivel direito dos fracos. Mas o homem reflectido perceberá que era impossivel a esta republicasinha equilibrar-se por tanto tempo, no concerto das grandes nacionalidades e atravez as tempestuosas vicissitudes do tempo, senão fosse auxiliada por uma tactica precisa e hereditaria, como um patrimonio, nas classes dirigentes.

E' afinal muito simples esta diplomacia: provem do amor á liberdade, do culto das tradições e do apego ás crenças, da intima convicção da equidade e da dignidade do estado!

E', em summa, um habil proceder para com os fortes, sem aliás nada ceder da sua fé politica nem da sua fé religiosa.

Em 1797, Napoleão Bonaparte, do seu quartel general de Pesaro, escreveu á Republica de S. Marinho assegurando-lhe a amizade e a fraternidade da Republica Franceza. Gaspar Monge, mais tarde conde de Pelusa, encarregado de levar a carta do generalissimo, recitou perante os capitães regentes e o conselho supremo um discurso no qual se fallava «dos bons tempos de Athenas e de Thebas, da liberdade que produz povos de heroes, do povo francez, depois de um seculo de luz, córando pelo seu longo captivoiro, etc., etc.»

«A liberdade, accrescentava o sabio delegado, estava banida da Europa inteira, apenas existia em S. Marinho, onde, não só pela vossa sabedoria, em assumptos governativos, cidadãos, mas pelas vossas virtudes, conservastes tão sagrado deposito atravez tantas revoluções e defendestes o seu asylo durante tanto tempo.»

Emfim, depois de haver offerecido a S. Marinho um novo accrescentamento do territorio, que prudentemente foi recusado, Gaspar Monge jurou solemnemente a inviolavel amizade «entre as duas republicas».

Napoleão Bonaparte satisfeitissimo pela lisongeira recepção de que fôra alvo o seu enviado, offereceu a S. Marinho uma bate-

ria de canhões, e, como a colheita havia sido má, mandou tambem generosamente vinte quintaes de trigo. S. Marinho acceitou o trigo que sustentava a vida mas recusou o bronze que mata.

As attentiosas deferencias do futuro imperador, não impediram porém que a republica felicitasse officialmente Pio VII, por occasião da sua eleição que se realizou em Veneza em 1800. Correspondentemente apenas o Pontifice recobrou os Estados da Egreja, um dos seus primeiros actos foi reconhecer a soberania de S. Marinho. Luiz XVIII, Carlos X, o imperador da Austria reconheceram-n'a egualmente.

Luiz Filippe escreveu por varias vezes «aos seus caros e bons amigos de S. Marinho»; notaremos uma epistola em 1835 onde lhes diz: «A França ama-vos!»

Em 1832, a republica nomeou o filho do imperador dos francezes «generalissimo honorario do exercito de S. Marinho». Mas o destino havia apontado este joven principe para um exercito menos pacifico!

O conde de Calmadoli, em 1860, fez no parlamento italiano um pomposo elogio das virtudes, da paz e da prosperidade da Republica de S. Marinho.

Victor Manuel completou o panegyrico enviando «duas peças de artilharia para as salvas dos dias de festa».

Mais feliz que Napoleão Bonaparte, o chefe da casa Saboya não experimentou recusa alguma. E' impossivel imaginar-se melhores relações entre dois estados vizinhos.

No entanto, em 1869 o administrador de Rimini renovou a tentativa do cardeal Julio Alberoni, e, sob o pretexto de que se tinham refugiado alguns criminosos italianos em S. Marinho, o fogoso funcionario invadiu á mão armada o territorio da republica.

Estariam certamente os habitantes no seu pleno direito, se se tivessem servido dos dois canhões offerecidos por Victor Manuel para refrear os impetus do invasor; mas preferiram dar tempo ao tempo e o administrador de Rimini foi admoestado. Como se vê a politica de S. Marinho é viver bem com toda a gente; não é isto tão facil, como parece á primeira vista, pois que para tal é precisa muita somma de tacto, de prudencia e de moderação. Tem sido apenas com estas armas que a republica, como a de Pindinissus no tempo de Alexandre, se tem sabido fazer respeitar dos con-

quistadores e conservar a sua soberana autonomia.

Manteve a nobreza na hierarchia do estado: o progresso moderno não lhe fez repudiar esta força salutar, sem a qual um povo só vê a honra no dinheiro.

«A nobreza, disse um dos seus melhores historiadores, não é, por fórma alguma, incompatível com o governo republicano».

Outr'ora os documentos officiaes eram datados do «reinado» dos capitães regentes; e, ha muitos seculos já, que o conselho supremo tem a qualificação de «Príncipe da Republica de S. Marinho».

Bem lhe pôde applicar o que Dante disse da communa de Cesena:

*Fra signoria si vive e stato franco!*

## VI

E' uma encantadora excursão a do Santo Rochedo.

A hora e meia de Rimini encontra o excursionista, por sobre um tranquillo ribeiro, uma antiga ponte, na qual um marco tem esta simples palavra: «Libertas»!

E' a fronteira da republica.

Das alturas gosam-se panoramas verdadeiramente encantadores e deslumbrantes: d'um lado o infinito azul do Adriatico com as suas prateadas ondas, poesia doce e sonhadora — do outro as ondulações alterosas dos Apenninos, lembrando como que um oceano de serranias, poesia selvagem e surpreendente.

Caminha-se sobre pó de pedra, atravez das grinaldas com que os pampanos enlaçam e acariciam o arvoredo; resolutos serranos e bellas raparigas saudam hospitalmente o transeunte; depois chegado que é ao imponente castello, que corôa o monte Titan, o mais impassivel dos mortaes estremece ao mergulhar o seu olhar no vertiginoso abysmo.

Entre o leitor no edificio do supremo conselho ou na mais humilde cabana, por toda a parte lhe dirão que ali se aprecia mais a virtude que a riqueza, a liberdade que a vida, que todo o cidadão pensa hoje como Marino Calcigni, o seu antepassado do seculo xv «que sem a concordia se perde a santa liberdade que é o maior de todos os thesouros».

Diz Platão que os subditos d'um gover-

no são parecidos com aquelles que os dirigem; esta sentença encerra o elogio dos regentes de S. Marinho.

Na lei está inscripta a egualdade civil; mas não ignoram que ella é apenas a constatação da desigualdade dos direitos naturaes; não toleram que os principios destruaem as desigualdades moraes, sociaes e physicas; pensam, e com razão, que nada n'este mundo pôde fazer com que um indigno seja igual a um honesto, um tolo igual a um esperto e um valente a um cobarde.

Téem conservado a nobreza, não porque ella é um privilegio, mas uma obrigação; a sua fidalguia possui todas as superioridades; a virtude, a coragem e o talento; o grande escultor Antonio Canova, depois marquez de Ischia, era cidadão de S. Marinho e foi ali que o illustre conde Bartholomeu Borghesi quiz acabar os seus dias.

Sabem, como Dion Cassius, que a democracia não consiste em dar tudo a todos egualmente, mas em conceder a cada um o que merece.

Condemnaram o suffragio universal, como o barão de Montesquieu, pois que d'elle não podem resultar senão fructos de perdição e porque se lembram do santo preceito do Exodo:

«Não seguirás a multidão!»

Regulam com integridade o seu pequeno orçamento, e as suas despezas annuaes não ultrapassam 60:000 francos.

Téem a divisa de Franklin: «Deus e Liberdade!» e conservam no meio das maiores honras a religião de seus paes; gravaram no frontespicio da sua igreja a palavra *Liberdade*, aos pés da Cruz, palavra que, em S. Marinho, não tem o mesmo sentido que em tantas outras partes.

Respeitam a lei, a tradição, a justiça, a moral, desprezando por completo os brilhantes paradoxos com os quaes os ambiciosos seduzem a multidão, ou produzem o mal, isto é, a licençã e o despotismo e que apenas servindo para destruir, não poderiam nunca servir de base a um bom systema de governo. E' d'estes que a Escriptura diz:

«Promettem a liberdade, quando elles proprios são escravos da corrupção!»

«O principio do novo governo, proclamou-o, em 1869, o supremo conselho, é a moralidade».

«Se a republica deve algum dia pere-

cer, que morra honrada e glorificada pelas almas virtuosas».

«Queremos viver pobres mas livres!»

Em que pese a Nicolau Machiavel não é Veneza, é S. Marinho que se deve exaltar; sem a tyrannia dos dez, sem os espiões inquisitoriaes, sem os supplicios, S. Marinho resolve o problema de uma republica sabia, pacifica, prospera, estavel, e actualmente, como no tempo de Zuccolo, é o prototipo da nação feliz.

Interrogae um dos seus habitantes, perguntando-lhe:

— O que é liberdade?

E', responderá elle com os seus avós, cheio de uma altiva dignidade, não se pertencer senão a Deus.

E esta resposta, por pouco que mediteis, vos dará o motivo da magnifica perpetuação do Estado de S. Marinho.

E' que nem todas as republicas tiveram a fortuna de ser fundadas por um Santo, a tres mil pés acima do nivel dos homens!



#### PENSAMENTOS

Conquistar o coração do jovem é conquistar-lhe as atenções ao vosso ensinamento a veneração ao vosso merito, é sobretudo ganhar mais um soldado para a causa da verdade que defendeis.

Merecer a confiança decidida da creancinha é o primeiro passo a dar no estudo psychico, moral e social da sua individualidade. Conhecida esta, já sabeis como vae o terreno em que deveis espargir a semente da doutrina, e não caireis no perigo de forçar inclinações, torcer vocações, causar o mal estar quando vos competia firmar a paz e a alegria.

Ganhada a confiança e o amor do jovem, podeis repreender e até deveis, sob pena de vos arriscardes a largar a prêsa. A vossa reprehensão será acatada e amada, porque as vossas intenções já as adivinhou aquelle a quem reprehendeis.

Como sois orgão da verdade, sereis censurado por aquelles mesmos que temeis melindrar, — se não respeitaeis mais a verdade do que os que d'ella se desviam. Demais vós ganhastes o coração do jovem, genuflectindo á sua grandeza, e reconhecendo a verdade das suas aptidões. Como agora temeis arguil-o de defeitos que não dizem bem com o seu futuro?

Mostrae-lhe com franqueza e serenidade o futuro que elle não adivinhou, mas que vós adivinhastes. Relacionae a sua actividade em embrião

com as glorias do porvir, e então colareis ao vosso o seu coração, quando temeis perdê-lo.

Mas tende cuidado em não excitar a soberba quando cultivaes a virtude. Creio que a acção do mestre no alliançar as facultades do discipulo com a esfera d'acção a que elle é talhado, deve de ser pautada pelo procedimento de Deus na direcção do homem e dos povos.

Deus sobrestá á onda movediça da vida, harmonizando o bem individual com o universal, a queda dos povos com o andamento progressivo do genero humano. *Mas a acção de Deus é serena, e mysteriosa: não é dado a todos conhecê-la, Governa os homens ainda quando os homens o renegam e desconhecem!*

Dirigi o discipulo sem lhe dizerdes o porquê da vossa direcção. Ponde em movimento as maquinas da sua actividade, sem lhe revelardes os manejos d'estrategia. Do vosso silencio não virá mal para elle nem para vós. Não para elle, porque as suas facultades evolvem ordenadamente d'accôrdo com a indole, com o fim a que elle está no mundo, e sem saber porquê, nada em alegria e paz. Não para vós, porque o mysterio em que envolveis a vossa acção occulta, contrasta admiravelmente com a docilidade da creança e com as illusões da infancia. De presente sereis venerado e procurado. No futuro applaudir-vos-ão a sabedoria de vosso proceder.

Demais, vós, ensinando, vasaes a vossa alma, na alma do jovem. Sem o quererdes, atraioaes mais ou menos as vossas intenções. Se então a intelligencia d'algum mais atilado descobriu o segredo de vossa direcção, tereis um admirador fanatico da vossa individualidade, que espalhando as suas simpatias entre os collegas, consolidará mais e tanto mais a vossa obra quanto é certo que um equal não corre o perigo de ser chamado «*Cicero pro domo sua*».

O mestre que se habituou a dar o porquê da sua direcção arrisca-se a ser julgado pelo discipulo, que, como não vê tanto como o mestre, reconhecerá desacerto onde ha harmonia, e, o que é peor, resfriará no culto de seu mestre, concluindo por deixá-lo.



#### ANECDOTAS

##### Facto curioso

Um medico francez, visitando um doente, que ardia em febre, e, não havendo por aquella redondeza pharmacia alguma, encontron n'um quintalejo proximo alecrim e alhos.

Serviu-se d'isto para curar o enfermo: do alecrim fez um cosimento que deu a beber ao doente, e dos alhos pisados fez uma cataplasma que lhe pespegou nas pernas.

E sem outro medicamento melhorou o doente. Assim o refere o medico Garin.

A proposito vou tambem narrar um facto analogo e mais curioso ainda.

E' um facto autentico, que foi contado por testimunha presencial.

Estava um homem perigosamente enfermo, abrazado em febre, com sede ardentissima. O medico assistente tinha-lhe prohibido beber agua fria, como pretendia o doente.

Esgotada toda a medicina sem resultado, o dr. abandonou o doente; mas sempre recebeu um medicamento, prometendo voltar só no caso que melhorasse, do que duvidava; e disse á familia que então o avisasse.

Junto ao leito do enfermo estava um sobrinho, rapaz de seus 12 annos. No dia seguinte á retirada do medico disse o doente ao rapaz:

— Tenho tanta sede! Eu morro abrasado! Traze-me uma pinga de agua daquella caneca.

— Isso faz-lhe mal, meu tio. Não sabe que o doutor prohibiu-lhe beber agua fria?

— Bem sei; mas é a mesma coisa. Eu bem sei que morro! Deixa-me ao menos morrer consolado. Anda, dá-me agua.

O rapaz obedeceu, foi buscar uma grande caneca de agua e apresentou-a ao doente que a esgotou. E, como a sede continuava, continuou a beber agua a peito, melhorando em pouco tempo.

Chamados os medicos, como antes tinham combinado, depois de examinar o doente disse-lhe:

— Bem, bem! Está muito melhor! Agora é preciso ter muita cautella, para não recahir. Pois uma rechida é peor que a propria doença anterior. E vou-lhe receitar mais uma dose. Foi remedio sagrado! Eu bem me parecia. Sempre cautella, e continue com a mesma dieta.

Mas o doente, sem usar dos remedios applicados pelo doutor, começou a comer com algum appetite, a beber agua fria, e dentro de poucos dias estava completamente curado.

Voltando o medico, declarou que o doente não precisava de mais remedios, e que podia comer e beber o que bem lhe appetecesse.

E exclamava:

— Sempre foi remedio sagrado! Se aquelle não fazia bem, não havia outro.

— Não foi, não, senhor, disse o ex-enfermo e confirmou a familia. Não foi o seu remedio que me curou.

— Não diga isso! Os senhores não crêem na medicina?! E' claro que foi o tal remedio que lhe dei ultimamente, pois que o effeito foi visivel.

— Não foi, senhor doutor. E tanto não foi, que não mandámos á pharmacia. Olhe: alli estão as duas receitas. Póde informar-se com o boticario. Curou-se com agua fria que bebeu com abundancia, e que o senhor lhe tinha prohibido.

— Ora, que me dizem? Ha d'esses casos, ha; mas olhem que lhe podiam fazer mal.

— Podia, mas não fez como o snr. dr. suppunha.

Eis o facto curiosissimo. Um doente abrazado em febre, sem medicamentos, curou-se bebendo agua fria em grande quantidade.

*O descanso dominical.* — «Meu pae notava com frequencia, que não seria o que era sem a sua fiel observancia do domingo. Physica, intel-

lectual e espiritualmente os seus domingos foram para elle d'uma inapreciavel benção. Todos os que entram no domingo no seu gabinete de ministro, mesmo que seja no periodo algido d'uma legislatura, ficam assombrados pela atmosfera de repouso que ali se respira: a meza de trabalho deserta, sem pasta, sem periodicos; só com alguns livros abertos. Do sabbado á noite até segunda-feira de manhã põe de parte todos os negocios mundanos, e abysma-se nos seus pensamentos e leituras do domingo. Ao domingo nunca saiu, a não ser para visitar algum amigo doente, e nunca viajou.

(A filha do celebre politico Gladstone, no seu livro «Nossa Herança»).

*A communhão frequente.* — Falava-se certo dia na presença do commandante Marceau da abstinencia da communhão por respeito.

— Pois eu, disse o commandante, se commungo tão a miude é porque sou um miseravel. Faz-me falta um remedio quotidiano. Quando commandava a *Arca da Alliança* soube que varios marinheiros murmuravam pela minha communhão diaria. Reuni a tripulação e disse aos meus homens:

— Em vez de murmurardes, deverieis alegrar-vos por eu commungar todos os dias, porque se eu assim não procedesse, á menor cousa que fizesseis, irieis de cabeça ao mar.

O valente e piedoso marinheiro continuou commungando toda a sua vida, chegando a vencer por completo a irrascibilidade do seu caracter.

*Um carrasco piedoso.* — Os «Annaes de Santa Germana» publicaram o anno passado a seguinte narrativa do padre Assulins assassinado no Tonkin.

Ao acompanhar um dos nossos missionarios ao logar da execução d'um assassino, a quem havia convertido na prisão, approximou-se do verdugo, que ia executar a sentença, que saudando-o affavelmente lhe disse que era cristão; como o missionario ficasse um pouco admirado, acrescentou:

Ha muito tempo que com licença do meu Parocho desempenho este serviço, no qual posso fazer e faço muito bem aos condemnados á morte, pois ensino-lhes tudo o que posso da religião em tão pouco tempo; além d'isso cumpro todas as vontades dos supplicados, e, por fim, baptiso-os pondo lhes o nome de José, que é o meu, e envio-os para o céu d'um só golpe e sem os fazer soffrer.

Effectivamente, assim o fazia, e segundo a sua propria declaração, tinha no céu grande numero de afilhados que lhe devem a sua salvação, e que, sem duvida, em agradecimento, não deixarão de rogar por tão original padrinho.

*Na sala d'um tribunal,* defendia certo pleito

um advogado ; mas coitado ! era tão diffuso e minucioso, que o presidente aborrecido interrompeu-o, dizendo :

— Ao grão ! ao grão, senhor advogado, e deixe a palha.

— Tenha v. exc.<sup>a</sup> paciencia, contestou o imperterrito advogado, d'uma coisa e d'outra precisa o tribunal.

*N'um restaurante :*

— Rapaz, estes ovos não estão bons. Chama o teu patrão.

O patrão chega, vê os ovos, e dirigindo-se para o creado, diz :

Animal ! só o demonio se podia lembrar de servir fritos ovos chocos. Quando estiverem n'este estado só se podem aproveitar em omleta, bruto !



## Leituras amenas

### OS CAVALLEIROS DA MERCÊ

#### III

#### A filha do escravo

Já passaram dez annos. Ás portas de Montpellier, ergue-se uma casa, edificada pela ordem da Mercê, de d'onde como de postos avançados da caridade, se lança a bizárria Cavallaria da Cruz a defender a Európa da invasão dos sarracenos, e tambem com mais heroico valor, a arrancar de entre as garras d'estes barbaros as victimas que gemem no fundo das masmórras ou nos areas do deserto.

Para este santo retiro, cujas parêdes, se alvejam pela sua brancura desde longe, encaminhava-se á hora do meio dia uma terna donzella acompanhada d'um joven e d'um escudeiro já ancião.

Depois de passarem a ponte levadiça, detiveram-se junto á torre, onde ondeava a bandeira da Ordem ; falaram com a sentinela, e esta lhes indicou o caminho dos claustros. Cavalleiros e sacerdotes passeavam ali ; os primeiros trajavam os seus mantos brancos, e estes os habitos da mesma côr, onde, em signal do affecto para com um illustre protectôr luziam bordadas, as armas do Rei de Aragão.

Ao vêr a donzella e seus companheiros, um dos sacerdotes, joven ainda, mas levando impressos na fronte os signaes d'uma profunda amargura, produzidos, pelas mal cicatrizadas feridas da alma, lhes disse :

— Quem sois vós ? perguntou com voz affavel.

— Somos, respondeu a donzella, dois desgraçados orphãos, pois é este o nome que podemos ter ; porque embora tenhamos pae e mãe, o pae é escravo d'um sarraceno e a mãe está prestes a morrer de dôr.

— Vosso pae é escravo ?

— Sim, senhor ; foi a Barcelona receber uma herança, e quando voltava á Provença, cahiram sobre a sua galéra os corsarios berberiscos. Foi vã toda a resistencia, os infieis levaram-no captivo para Tanger, onde vive agora, se não nos enganam as informações que temos podido alcançar. Escravo o meu nobre pae... vendido por um preço vil !...

As lagrimas e os soluços interromperam as palavras da pobre donzella.

— Tranquilisae-vos, disse o religioso, vosso pae será resgatado.

— Ah ! Resgate-o pelo preço que quizerdes, que nada nos parecerá cáro ; aqui tendes todas as joias de minha mãe, e se fôr necessario empenharemos as nossas terras, tudo, tudo para resgatar o Senhor de Melfort.

— Melfort ! exclamou o religioso.

— Melfort ! é o nome de vosso pae ?

— João de Melfort ; e se sois provençal, deveis conhecer esse nome illustre.

— Conheço ; disse o religioso em voz baixa ; conheço-o muito bem, mil vezes muito bem !.....

Uma viva agitação via-se retractada no seu semblante, e voltando os hombros á donzella, fixou seus olhos n'um Crucifixo que havia no claustro.

Deus de Bondade, murmurou por entre os dentes, porque renascem ainda em meu coração estas terriveis paixões, quando já fui vencido por tua graça ? Porque é que a voz d'esta desgraçada reavivou os sentimentos que para sempre cuidei estarem apagados n'este peito rebélde ?

E depois d'uma breve pausa, voltou-se para os jovens e disse-lhes resolutamente e com indefenivel ternura :

— Eu mesmo irei em procura de vosso



pae, e se fôr a vontade de Deus, voltará a vossos braços. Não me esqueçaes nas vossas orações.

Algumas horas depois, um religioso em habito de peregrino, recebia de joelhos a benção de Pedro Noláscó, geral então da Ordem da Mercê, e ao dar-lhe o ultimo abraço, disse:

— Ide, meu filho, e não poupeis o vosso sangue e a vossa vida para servir ao proximo; ide, servo de Christo, sêde semi-

em Marselha, acabava de avisar, que varias naus estavam á vista do porto.

Esta noticia trouxe ao mólhe grande numero de pessoas, que já pela configuração do casco já pela disposição de velâme, queriam conhecer o nome das embarcações, á medida que se iam approximando, impelidas pelo vento. Via-se entre os espectadores, um grupo, que embora não fôsse tão bulicoso, mostrava igual anciedade, e compunha-se d'uma senhora e de dois jo-



SEPULCHRO D'ABSALÃO

lhante ao vosso Mestre. Recordae-vos que por vossos vótos, sois obrigado a ficar debaixo de férros, se isso fôr necessario, para resgatar um christão... O ceu vos guie Irmão Berenguer...

#### IV

### O resgate

A sentinella da abbadia de S. Victor

vens de diferente sexo. A pouca distancia estava o criado que os acompanhava; e todos guardavam profundo silencio, como se esperassem a vida ou a morte d'aquellas brancas vellas que avançavam com lentidão.

Em breve os mais acostumados puderam distinguir a côr das bandeiras que ondeavam nos mastros das tres primeiras naus, que se adiantavam ás outras.

— Bemdita seja Nossa Senhora da Guarda! exclamou um velho pilôto. Aquel-

la que vem adiante é a *Venturosa*, ou eu perdi os olhos. Vem de Palermo, e traz-nos noticias do Senhor d'Anjou.

— E a segunda, interrompeu outro, é a galeóta *Santa Maria* que traz de Ismyrna fructos e perfumes.

As naus reconhecidas, não tardaram a lançar ancora no meio das exclamações da multidão. A terceira que lenta e pesadamente sulcava as aguas, attrahia os olhares anciosos da triste senhora, que dizia para seus filhos:

— Succeda o que succeder, cumpra-se em tudo a vontade de Deus.

— Mãe, exclamou logo o joven, não é aquelle o santo estandarte da Mercê?

Impallideceu a pobre senhora, apertando com suas mãos o coração quasi desfallecido de temôr e alegria. A nau dos captivos, poz-se em breve á vista de todos; o vento fazia ondear a bandeira na prôa, e em seu fundo branco, distinguiam-se as armas de Aragão e o emblema da Mercê: *Redemptionem misit populo suo.*

— A galéra de *S. João Baptista*, dos religiosos da Mercê, gritou a uma voz todo o povo.

— Será possível, ó meu Deus! disse a enlutada senhora. Virgem Santissima não permittaes que sejam frustradas as minhas esperanças!

Sobre a prôa, via-se uma figura vestida com uma capa branca.

— Mãe! exclamou o joven, é elle! não vêdes aquelle sacerdote sobre a coberta?

— Um captivo a bordo! Um captivo a bordo! começou a gritar o povo.

— Viva Nossa Senhora da Guarda!

A pobre senhora adiantou-se com passo vacilante, não se atrevendo a levantar os olhos, com o temor d'um triste desengano; porem animada pela gritaria do povo, levantou a cabeça no momento em que saltava em terra um homem miseravelmente vestido e carregado de cadeias... Era elle, era o esposo por tanto tempo e com tanta anciedade esperado. Correram a seus braços mãe e filhos, e com o maior cuidado e carinho, procuravam levantar os ferros, que por uma promessa acaba de pôr novamente o captivo.

Com os olhos cheios de lagrimas, estreitou contra o peito a sua querida mulher e filhos, e voltando-se para o religioso, que

n'aquelle momento sahia da galéra, disse em alta voz:

— Minha esposa, meus filhos, se me amaes, amae e abençoeae este bom religioso, a quem devo a liberdade e a vida. Sim; foi procurar-me aos extremos d'um deserto, onde estava accommettido d'uma enfermidade, que obrigava todos a abandonar-me. Comtudo isso não o intimidou antes pelo contrario, se fez meu enfermeiro, e com a sua terna solicitude me arrancou ás garras da morte. Como os infieis julgassem pequena a somma do meu resgate, elle proprio queria ficar em meu lugar, e o tivera feito se a isso não me oppozesse tenazmente. Foi o que elle fez; e é vontade minha, que todo o que d'hoje para o futuro tiver o nome de Melfort; seja tambem servo da Mercê.

Depois d'estas palavras, um homem enolto n'uma manta de pano pardo, abriu caminho entre a multidão, e parando, encarrrou-se com o captivo exclamando:

— Que! Vós o Senhor de Melfort?... E sabeis o nome do vosso libertador?

— Sei que lhe chamam irmão Berenguer.

— Eu vol-o direi. Seu nome é Berenguer, Senhor de Elvaz.

E banhando com suas lagrimas as mãos do religioso, que em vão procurava subtrahir-se a esta scena emocionante, acrescentou:

Ah! eu conheci-vos, meu senhor!

Melfort ficou como ferido por um raio, a vista do monge o encheu de espanto, como se um morto sahindo da tumba se pozesse diante d'elle.

Sim, é elle! Continuou Jayme, o cabreiro, como poderiam meus olhos deixar de conhecê-lo! Eu era seu vassalo, seu servo, e a elle devo a liberdade e tudo o que posuo.

— Tambem eu! exclamou João de Melfort, lançando-se de joelhos diante de Berenguer. Porem é certo o que diz este homem? E vós sabieis quem era eu, e para salvar-me a vida expozestes a vossa a mil perigos?

— Não vos ajoelheis diante d'um peccador, meu irmão, disse Berenguer levantando-o do chão; esqueçamos o passado e peçamos a Deus que nos perdoe as nossas mutuas offensas.

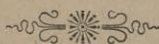
— Ah! o vosso perdão, servo de Deus, para mim! Meu Deus! desde o dia em que

movido pelo espirito de vingança puz as minhas mãos sangrentas e malditas sobre a vossa familia, nunca mais passei uma noite tranquila não tive felicidade.

Creio comtudo, que Deus me perdoará, se vós me perdoardes; perdoae-me por amor d'Aquelle que morreu por nós ambos!

— Sejam estes braços a prenda da minha amizade, disse Berenguer, estreitando contra o seu peito o antigo inimigo de sua casa; e agora vinde ao altar onde vou oferecer a Victima adoravel e recebel-a em meu peito.

Seguidos de Jayme o Cabreiro, e da multidão, encaminharam-se todos para a capella de Nossa Senhora da Guarda. Ao pé da milagrosa Imagem, collocou o captivo as suas cadeias, as quaes segundo o antigo costume, estão sempre cobertas de grinaldas de flores. Começou a missa e n'ella Berenguer, senhor de Elváz, amigo e discipulo de Pedro Nolasco, sacrificou para sempre ao pé do altar a memoria da antiga inimizade; e quando depois de unido ao Salvador da humanidade, depositou a Sagrada Hostia na bocca de Melfort, ficando apenas dois irmãos, unidos pelos vinculos da caridade divina.



## Culto de Santo Antonio

### O Pão de Santo Antonio

#### DECLARAÇÃO

A Redacção da «Voz de Santo Antonio», julga opportuno repetir aqui as declarações já feitas por mais d'uma vez:

a) A instituição do Pão dos Pobres de S. Antonio, posto que seja obra dos Franciscanos funciona independentemente da sua direcção. Poronde,

b) As esmolas depositadas nos cofres de S. Antonio nem são para a «Voz de Santo Antonio», nem para os seus directores e colaboradores, nem para os Franciscanos como aleivosamente aventaram muitos jornaes, mas são exclusivamente para o Pão de Santo Antonio e para obras de caridade promovidas pela commissão administrativa, á qual só cabem as responsabilidades do bom ou mau emprego das ditas esmolas.

c) A «Voz de Santo Antonio», dando publicidade ás muitas cartas de agradecimento

que apparecem nos cofres de Santo Antonio, tem só em mira dar gloria a Deus e ao Santo de que é orgão mensal. Não explora a credence do povo, mas fomenta o espirito de piedade. E se muitas das cartas que publica não têm a orthographia e a grammatica desejadas, e empregam indistinctamente o nome de graças ou milagre, não são da redacção as responsabilidades, mas dos proprios signatarios.

De resto a Redacção da «Voz de Santo Antonio», para se conformar com os decretos de Urbano VIII, declara mais uma vez, que não pretende dar aos factos narrados no Culto de Santo Antonio senão um valor meramente historico, deixando á Egreja o julgar da sua authenticidade.

#### BRAGA

### AOS AMIGOS DE SANTO ANTONIO

Pedimos mais uma vez que não se esqueçam de indicar em termos claros e precisos a graça ou graças recebidas de Santo Antonio, para que dignamente se possam publicar na «Voz» em honra e louvor do grande Thaumaturgo.

Confrontando a receita enorme das esmolas mensaes ao Santo para o Pão dos Pobres com as cartas de agradecimento, vemos que a maior parte das graças não vêem ao publico, o que não pôde ser agradavel a Santo Antonio; pois é justo que atteste o seu reconhecimento quem recebe os favores.

Petições depositadas.....	
Cartas d'agradecimento.....	10
Total das cartas.....	—

*Meu glorioso Santo Antonio.* — Eu vos agradeço todas as graças que me tendes dispensado, e mais uma vez recorro á Vossa gloriosa Protecção, afim de me melhoraes da minha perna, para em breve voltar ao seio da minha familia; que eu prometto ir visitar-Vos ao vosso altar e dar uma esmolinha de 500 réis para o pão dos vossos pobres.

— *Meu Bemdito Santo Antonio.* — Agradeço-vos a graça que me fizestes d'obter um dinheiro que julgava perdido no Brazil, pelo que vos remetto a esmola de 3\$000 para o pão dos vossos pobresinhos. — *Uma grande devota vossa.*

— *Meu glorioso Santo Antonio.* — Venho agradecer um grande beneficio recebido do que já dei para o pão dos vossos pobres 700; hoje de novo vos peço uma outra graça do que espero em Deus por vós obterei. — *M. C. V. A.*

— *Glorioso Santo Antonio* — Venho-vos agradecer a graça que me fizestes que vos eu pedi que bastante afflicta estava, e queria que se publicasse na *Voz*. — *F. uma vossa devota.* — Braga 24 de Abril de 1902.

— Offereço 50\$000 réis para o pão dos pobres de Santo Antonio em agradecimento ao feliz parto de minha senhora e por hem me deparar um dinheiro.

Braga 26 d'Abril de 1902. — *A. R. Junqueira Junior.*

— Para o pão de Santo Antonio em agradecimento de uma graça por elle obtida envia 1\$200 o *Padre P. M.*

— Contem uma libra em ouro, de um milagre que Santo Antonio fez a J. A. da cidade de Braga.

### GUIMARÃES

*Meu querido Santo Antonio.* — Cheia de alegria e reconhecimento, venho por meio d'esta cartinha agradecer-vos a graça e o milagre que fizestes dando saude áquella pessoa que vós sabeis. Peço-vos, meu querido Santinho, que continueis a dar-lhe saude, para assim confundirdes, os que duvidam do vosso poder. Já cumpri o que tinha promettido, isto é, dar-vos 900 réis. Meu querido Santinho, agora peço-vos que me protejaes sempre, pois sois o meu padrinho; fazei-me muito pura; muito humilde; livrae-me de todos os perigos e fazei-me muito submissa ás minhas mestras. Protegei outra pessoa por quem muito vos peço; alcançae-lhe o dom da santa perseverança; fazei-a muito pura e humilde, emfim levae-a para o Ceu e juntamente a mim com todas as minhas condiscipulas. — *E. J. M.*

### S. PAIO DE MELGAÇO

*Snr. Director :*

Peço-lhe o favor de publicar na «*Voz de Santo Antonio*», favor que muito lhe agradeço o seguinte:

*Meu querido Santo Antonio.* — Venho agradecer-vos todas as graças que me tendes feito, e tenho fé em que me haveis de perdoar de não ter enviado ha mais tempo o que prometti, para os vossos pobresinhos.

Peço-vos que continueis a proteger-me e a ouvir todas as minhas supplicas.

Envio a esmola que vos prometti, em louvor das graças que me tendes feito. — *Uma vossa devota.*

### CONDEIXA

*Exc.<sup>mo</sup> Snr.*

Tenho o supremo prazer em enviar a V. Ex.<sup>a</sup> 500 réis para o «*Pão de Santo Antonio*» — meu bom padrinho.

Foi uma devota que em momento afflictivo mais uma vez recorreu á valiosa protecção de Meu Padrinho.

Creia na consideração

Do de V. Ex.<sup>a</sup>  
muito att.<sup>o</sup> vener.

*Antonio Ferreira Pena.*

Condeixa 7—V—902.

### AROUCA

— *Delfina Emilia Soares Aranha* implorando o patrocínio do bemaventurado Santo Antonio n'um incommodo de que melhorou, envia incluso 500 réis para o pão dos pobres, pedindo a publicação d'esta graça na *Voz*.

Bem assim uma associada da Pia União, atribuladissima, que roga a V. Rev.<sup>ma</sup> a caridade de

a recommendar ás orações dos seus confrades, em tão grande necessidade espiritual. Por tudo ficarão summamente gratas. — *Arouca, 27—4—902.*

### BARCELLOS

*Snr. Director.* — Peço o favor de publicar na *Voz de Santo Antonio* esta graça o que desde já agradeço.

*Meu glorioso Santo Antonio.* — Agradeço-vos o terdes alcançado de Nossó Senhor a saude para uma pessoa de minha familia que estava bastante doente, e peço-vos meu querido Santo Antonio que não vos esqueçaes de nós. Envio 100 réis para o pão dos pobresinhos. — *Anna P. Macedo.*

*Barbudo.* — N'este dia houve uma pratica á Pia União de Santo Antonio pelo rev.<sup>mo</sup> padre Francisco da Sagrada Familia, e esteve muito concorrida de fieis, distribuindo-se por esta occasião 95 broas de pão aos pobresinhos.

Entraram para a Pia União *Clementina Rosa, Maria José Vieira, Delfina Rosa da Costa, Rosa Joaquina da Costa, Thomé Rocha, Maria Soares, Carolina Rosa, Manoel José, Thereza da Costa e Antonio José da Silva.*

### AÇORES

*O Peregrino de Lourdes*, excellente revista catholica de Angra do Heroismo inseria ha tempo estas palavras sobre o *Pão de Santo Antonio*:

«*Vae correndo com a devida regularidade a Pia União de Santo Antonio com a santa instituição do Pão dos pobres, a cargo da Ordem Terceira de S. Francisco.*

Um bom numero de pobres está recebendo um subsidio semanal em pão, e de vez em quando, lá se tem repartido na igreja de S. Francisco um grande numero de pães, fazendo-se sempre uma pequena pratica doutrinal aos pobres, de modo que o pão material que lhes vae alimentar o corpo seja acompanhado do pão espiritual da palavra de Deus, que lhes alimenta a alma. Esses actos são sempre muito concorridos, porque a cerimonia é realmente commovente e algumas lagrimas temos visto brotar dos olhos d'aquelles que assistem á tocante benção e distribuição do pão aos pobresinhos. Pena é que não sejam mais avultadas as esmolas, porque os pedidos para este pão abençoado repetem-se todos os dias. Mas infelizmente não ha mais.

Adeante publicamos uma nota da receita e despeza dos dois ultimos annos... Não reparem os nossos leitores na grande differença de receita entre 1900 e 1901.

N'aquelle anno houve umas esmolas extraordinarias, como, por exemplo, uma de 50\$000 réis, resultante de promessas, que em 1901 se não repetiram.

### OURO PRETO (BRAZIL)

*Glorioso Santo Antonio.* — Agradecendo quanto em meu beneficio tendes feito, dou-vos para os vossos pobresinhos a pequena quantia de 500 réis. — *C. J.*

— *Meu bom Padre Santo Antonio.* — Venho dar mil graças a Nosso Senhor Jesus Christo, por ter alcançado o que pretendia, devido á vossa benigna intercessão para com o maior dos peccado-

res e o mais humilde dos vossos servos. Agradecendo-vos a graça concedida, deixo para os vossos pobres a insignificante quantia de 2\$000 réis.

— *J. R.*

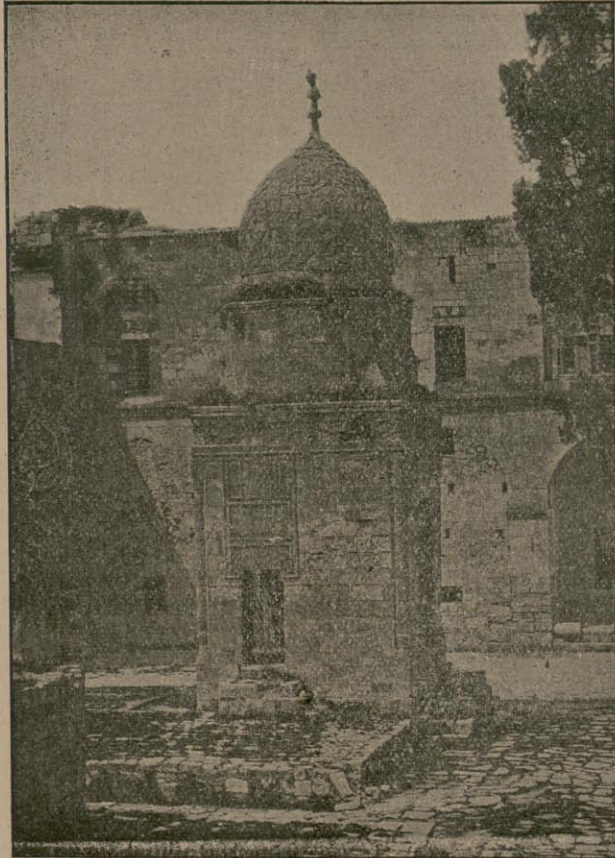
— *Meu glorioso Santo Antonio.* — Venho hoje cumprir a minha promessa enviando os 500 réis que vos prometti para os vossos pobres e já tendo feito a communhão pelas almas. Agradeço do fundo do coração a graça que me fizestes, fazendo com que eu sahisse approved nos meus exames e peço-vos continueis a proteger-me para que eu me saia bem nos outros.

Vosso devoto. — *J. C. de Paiva.*

A 43 pobres subsidiados a 3 pães por semana, em 12 mezes . . . . .	225\$600
Pão distribuido na igreja . . . . .	40\$000
	<hr/>
	265\$600
Despeza com cera e azeite. . . . .	7\$550
	<hr/>
	273\$150

Em 1901 a caixa produziu a quantia de réis 172\$715 que se empregou em 5:401 pães (491 contas) da seguinte fôrma:

A 38 pobres subsidiados semanalmente,



◡ TUMBA CHAMADA DE ELIAS

Os cofres do Pão dos pobres de Santo Antonio

Braga. — Em abril 244\$405 réis incluindo 4\$500 réis em ouro e agio e uma esmola de 50\$000 réis.

Angra (Açôres). — No anno de 1900 a caixa da *Pia União de Santo Antonio* produziu a quantia de 228\$940 réis, que juntamente com o saldo do anno anterior, somma a quantia de 273\$150 que se empregou em 6:292 pães (572 contas) da fôrma seguinte:

em 12 mezes . . . . .	175\$900
Pão distribuido na igreja . . . . .	30\$500
	<hr/>
	206\$400
Saldo contra no fim do anno, réis . . . . .	33\$685

Está conforme as contas lançadas nos livros competentes a folhas 18, 19 e 20.

Angra, 26 de janeiro de 1902.

O secretario,  
*Aniceto Antonio dos Santos.*

## Recommendações especiaes

As ordens religiosas em Portugal.  
 Os collegios catholicos.  
 As missões no ultramar.  
 Quatro conversões.  
 Duas vocações.  
 Tres almas.  
 Todas as petições depositadas nos cofres  
 de Santo Antonio.  
 Uma familia desolada.  
 Um sacerdote.  
 Uma casa religiosa.  
 Uma alma.



## OS NOSSOS DEFUNTOS

*Pretiosa in conspectu Domini  
 mors sanctorum ejus.*

*José Gomes Guerra* — natural da Atalaia da Lourinhã, primo da nossa dedicada assignante Maria Domingas Duarte, bom homem, bom esposo e bom pae.

Paz á sua alma.

*Padre Alfredo Ferreira* — Joven sacerdote d'esta cidade de Braga, muito querido por todos que o conheciam e arrebatado á sua boa familia, na idade de 28 annos! Falleceu no dia 5 d'abril, confortado com todos os sacramentos, e assistido d'um religioso de Montariol.

*D. Sebastião Ramos do Rosario*, Castello Branco. — Um dos sacerdotes mais dedicados á causa nacionalista, character firme e impolluto, illustrado, piedoso, esmoler, amigo encendrado das ordens religiosas, n'uma das quaes lhe tinha fallecido em 1875 o seu santo Tio, o celebre Fr. Agostinho d'Annuniação, fundador do Collegio de S. Fiel. Era assignante da «Voz de S. Antonio».

*Seraphim José Salgado*, de Moncorvo, Felgar. Era assignante da «Voz de S. Antonio».

*D. Antonia Candida Rodrigues Martins Galhardo*, Braga.

*Francisco Ignacio Bezerra* — S. Julião de Freixo, Cabellos.

*Padre Bernardo Cabrita Faro*, assignante da «Voz de S. Antonio».

*Padre Manoel Alves Rosa*, Povia de Varzim. Era assignante da «Voz de S. Antonio».

*Francisco Nicolau Mandillo*, de Villa do Conde. Tambem assignava a «Voz de S. Antonio».

*Padre Sebastião José Gonçalves*, em Villa Pouca d'Aguiar, Villa Chã, assignante da «Voz de S. Antonio».

R. I. P.

## Secção scientifico-litteraria

## QUADROS BIBLICOS

## ESTHER

## III

Eramos no 3.<sup>o</sup> anno do reinado de Assuero. O seu imperio vae hoje da India até á Ethiopia: reina e domina em 127 provincias.

A sua côrte é das mais sumptuosas.

A regidez dos velhos costumes foi-se perdendo na proporção que o luxo deslumbrante inibriava e enlouquecia aquella sociedade, que já não tinha mais aspirações a satisfazer. Era o caminho de todas as grandes nações formadas pela conquista e no desejo unico de um engrandecimento material, que o tempo deveria limitar, quando outros povos com a mesma séde de dominio, e mais fortes, os deveriam anniquillar.

Era a lição da historia.

Grandes imperios, que abysmaram o mundo, como já referimos, tornam o seu apogeo de gloria, e depois a incompleta penuria, porque era uma obra perfeitamente humana, cheia de ambições.

Assuero quiz solemnizar o anniversario do seu reinado, inspirado n'estes sentimentos de vaidade.

Convidou os principaes principes das nações que lhe eram tributarias, todos os grandes que formavam a sua côrte, e quiz deslumbral-os com os esplendores das suas riquezas.

Para isso ordenou um banquete que durou 180 dias!

Patenteou aos olhos dos seus convivas o vasto palacio, onde se admiravam as tapecerias de linho fino, verde e azul, retidas de cordões de algodão e de purpura, sobre anneis de prata e columnas de marmore: leitos de ouro e prata sobre um pavimento de porfido, de alabastro e de pedras negras.

O vinho bebia-se em vasos de ouro. Uma riqueza deslumbrante, que maravilhava os mesmos principes costumados á grandeza de seus antigos imperios.

Sete dias foram tambem destinados ao

povo, com um banquete, querendo assim o rei que todos compartilhassem das festas sollemnes. E até na casa da rainha tambem houve grande festa, porque assim o ordenára o rei.

Era feliz o povo?

Quem sabe!

No meio das grandezas decretadas pelos despotas, a alegria é muitas vezes uma mentira por que as lagrimas e as dores escondem-se no coração.

Ao setimo dia o rei alegrou-se com o vinho, e querendo a todos os seus convivas demonstrar a sua excepcional grandeza, quiz apresentar-lhes a sua rainha Vasthis, mulher de peregrina formosura.

Mas Vasthis escrava do rei, era rainha. Tinha o orgulho que dimanava do seu logar, e, ainda mais, era mulher, tinha coração e sentimento. A idéa de ir ser apresentada a todos os convivas como um objecto de luxo repugnou aos seu espirito, feriu a sua dignidade, ella que tambem cingia uma corôa.

Mas os eunucos do rei iam cumprir as suas ordens

— Vinde Vasthis, que Assuero vos quer mostrar aos principes e aos grandes do seu reino, para que admirem a vossa formosura: trazei sobre a fronte a vossa corôa de rainha e ornae-vos dos melhores vestidos e das mais raras e custosas pedras.

— Senhores, dizeti ao rei que uma rainha não é uma escrava; que a mulher regeita o espectaculo a que elle a quer submeter; quem cinge tambem uma corôa real.

Será esta corôa apenas uma irrisão!

Pois bem, ahí a tendes.

Foram baldados todos os argumentos dos servidores do rei para convencer Vasthis a cumprir as ordens de Assuero.

— Meditae, senhora, que a vossa cabeça não está segura.

A ordem de um rei, cumpre-se.

— A dignidade da mulher, respeita-se.

Dada esta resposta a Assuero, a quem todos obedeciam, como supremo senhor, de tão vasto imperio, consultou os sabios que formavam parte da sua côrte.

Eram estes sabios, Caruna, Sethar, Tharsis, Admatha, Meres, Marsena, e principes da Persa e dos Medas.

Foi então seu voto que a rainha não só

desobedecera ao rei, mas a todos os principes e grandes do seu imperio.

— Que exemplo, Senhor, para todo o vosso povo! Como tereis d'aqui para o futuro auctoridade nas vossas ordens, como serão ellas cumpridas!

A' mulher, embora rainha, cumpre obedecer. A corôa que lhe cinge a fronte foi dadiva graciosa da vossa generosidade. Podeis arrancar-a porque é vossa.

Rainha, é uma escrava: deveis repudial-a.

Sujeitae-a a castigo mais severo para exemplo e lição de um grande rei, como sois, a quem povos de diversas raças e crenças prestam adoração.

Assuero mais tranquillo escutára o conselho dos seus sabios. A sombra de Vasthis passava-lhe então no seu espirito: via-a formosa, encantadora. Talvez se arrependesse já da sua ordem; mas estava dada. Sujeitou a questão aos sabios; o seu conselho deveria ser executado.

Castigo, entretanto, para a rainha, julgava o despojal-a da corôa real da sua peregrina cabeça, sujeitando-a de novo á condição humilde de escrava.

Já não seria a senhora do seu harem; não se ornaria com as joias mais preciosas. O seu logar ia ficar vago.

E para que em todo o vasto imperio se tivesse conhecimento de tal facto foram escriptas e enviadas cartas a todos os povos para que ninguem duvidasse do seu soberano poder.

Desafrentada ficara a dignidade real e o prestigio da sua corôa continuou com o mesmo esplendor.

O povo applaudiu o rei, por que a mulher não era ainda a companheira do homem, mas um objecto de vaidade. Valia pela belleza, não pelos dotes da alma, que estava envolto em sombras, apesar das grandezas que pareciam attestar uma civilização real, e não ficticia, como de facto assim era, e tanto que de um momento a outro desappareciam.



## A' Virgem Maria

I

*Ave Maria!  
Rosa singella,  
mais pura e bella  
nos céos não ha!*

Cheia de graça  
De mil encantos :  
mais bellos, tantos  
quem os terá ?

## II

Deus é contigo,  
tens quanto queres,  
e entre as mulheres  
bem dita és.  
Curvam-se os homens,  
graças imploram,  
e os anjos choram,  
beijam-te os pés !

## III

Bem dito fructo  
de virgem seio,  
do amor no enleio,  
tu deste á luz.  
Desceu á terra  
e o céu nos trouxe !  
Seu nome dôce  
lê-se : — Jesus.

## IV

Santa Maria !  
Nome de lyrios,  
quantos martyrios  
elle contem ? !  
E's mãe de Deus  
e és mãe de dôres !  
Penas e amores,  
martyr e mãe !

Mas és Rainha,  
no céu bem podes,  
e o mal sacodes  
com tua voz.  
Quando o rugido  
Satan levante,  
Mãe triumphante,  
roga por nós.

Mostra que és Mãe,  
não só agora  
mas n'essa hora  
tremenda ao vir.  
Em ti os olhos,  
após teus passos,  
Mãe ! nos teus braços  
q'remos sorrir !

PADRE NUNES TAVARES

## BIBLIOGRAPHIA

Theologia Moralis, Decalogalis et Sacramentalis, auctore clarissimo P. Patricio Sporer O. F. M. — Novis curis editit. P. Fr. Irenaeus Bierbaum O. F. M. Lector Jubilatus.

E' esta outra obra não menos credora da boa acceitação de todos que as Conferencias Moraes de Elbel.

O seu auctor é outro não menos illustre membro da Ordem de S. Francisco. D'elle podem-se repetir os mesmos elogios que já tecemos a Elbel.

E' tal o merito d'este auctor que já em 1739 certa censura resava de sua obra o seguinte : é um precioso Album theologico-moral cujo nome é já desde muito tempo celebre em todo o mundo litterario : *pretiosum Alcearium theologico-morale, cujus nomen in toto orbe litterario jam dudum celebre habetur.*

S. Ligorio cita-o com frequencia e taxa-o de bastante equo em suas opiniões : *in suis sententiis satis aequum.*

Pruner, Theologia Moral, ed. 1883, diz que Sporer é auctor d'uma obra que nunca seria bastante recomendada : *Sporer auctor existit Operis moralis, quod satis, commendari non potest.* E prosegue dizendo que soube de tal modo conciliar o methodo escolastico com o casuista como ninguém até elle o fizera.

Lehmkuhl tece lhe o mesmo elogio que a Elbel.

Hurter (Nomeclare) reconhece-lhe grande competencia em questões juridicas e moraes.

Omittimos outros rasgados encomios para não enfadar os leitores ; desejamos porem que esta obra se diffundisse por todo o clero.

Ahi encontraria uma sciencia solida baseada na mais sã philosophia e bom criterio para exercer o seu alto e espinhoso ministerio.

A obra está repartida em tres tomos ; os dois primeiros tratam da theologia decalogal : o ultimo da theologia sacramental. Está escripta em latim correcto e facil. Para pedidos dirigir-se ao Rev.º Padre Irenue Bierbaum — Paderborn Germania.

A Revelação Christã. — Instituição e perpetuidade do primado de S. Pedro. — Jubileu Pontifical de Leão XIII. — A Quaresma. Carta Pastoral de D. Theotonio, Bispo de Meliapor.

Christian Revelation. — Institution and perpetuity of the Primacy Of St. Peter. — Pontifica Jubilee Of Leo XIII. — Pastoral Letter Of D. Theotonins, Bishop Of Mylapore.

E' uma carta pastoral, onde resplandece a sciencia e santidade do bispo de Meliapor.

O santo prelado começa a sua carta descrevendo a infelicidade do homem descahido ; depois a promessa d'um Redemptor que havia de lhe reconquistar a antiga dignidade. Passaram-se seculos e o Messias prometido appareceu levando em seu sangue as manchas da humanidade. O Homem-Deus teve de subir ao céu ; mas antes estabeleceu a sua Igreja sobre uma pedra firmissima, esta pedra é Pedro.

A Igreja Catholica, é a unica que tem os caracteres de verdadeira ; os seculos o tem demonstrado. Pedro é o representante do Filho de Deus ; os seus 263 successores representam a pessoa de Pedro por uma serie ininterrupta de



20 seculos. O ultimo representante de S. Pedro é S. S. Leão XIII, a quem devemos venerar com respeito o amor.

Termina o santo prelado, pedindo que os fieis da sua diocese, se associem nos dias 2 e 3 de março ás festas da christandade por sua Santidade Leão XIII; e já que os seus fieis não podem ir a Roma apresentar as suas homenagens a Leão XIII, orem por elle para que Deus lhe conserve uma vida tão preciosa.

Como em Meliapôr ha bastantes catholicos inglezes, a pastoral vem em ambos os idiomas portuguez e inglez.

Agradecemos ao virtuoso prelado a offerta.

Discussão dá resposta ao discurso da Coroa. — *Discursos do digno par Jacintho Candido preferidos na camara dos dignos pares do reino nas sessões de 29 e 31 de Janeiro de 1902.*

E' o brilhante discurso do digno par nacionalista, em que chamou á barra aos que diziam que o partido nacionalista era o partido de clericaes e padres.

Mostrou a sua bandeira, o seu fim as suas aspirações. Era um partido que começava n'uma occasião critica, tinha de soffrer muito, mas não importava, soffria-se por Deus e pela patria, que é a verdadeira aspiração d'um portuguez.

Depois examinou o digno par, a nossa receita e o nosso deficit; a multidão de empregados que sugam o thesouro, verberando severamente o governo. São 28 paginas, cheias de eloquencia atiradas á face d'esse governo, sem consciencia. Bem haja o digno par. Agradecemos reconhecidos a offerta do exemplar com que s. ex.<sup>a</sup> mimoseou a nossa redacção.

Jubileu do S.S. Padre o Papa Leão XIII. — *Festa na Associação Catholica do Porto em 3 de março de 1902. Porto, typ. Catholica de José Fructuoso da Fonseca 72. — Rua da Picaria — 74.*

E' uma colleção elegantissima de luxo, dos discursos pronunciados, a 3 de março ultimo pela occasião das festas jubilaes de Leão XIII, na Associação Catholica do Porto. Contem: Leão XIII e a escravidão, discurso do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Bispo do Porto.

O Pontificado de Leão XIII, discurso do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Francisco José de Sousa Gomes. Victorias do Pontificado Leão XIII, discurso do Rev.<sup>mo</sup> Sr. Padre José Alves Correia da Silva. Amor dos catholicos ao Papa, discurso do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conde de Samodães.

O nome illustre dos oradores e o assumpto, escusam a nossa recommendação.

A S. S. Leão XIII, no faustoso anniversario da sua coroação, 3 de março de 1902, preito de amor filial. O collegio de S. Fiel.

Contem os discursos e poesias recitados pelos alumnos do 5.º, 6.º e 7.º anno do curso dos lyceus, do afamado collegio de S. Fiel, na brilhantissima academia litteraria que realizaram em preito de amor a Leão XIII, no anniversario faustoso da sua coroação.

Os distinctos oradores e poetas honraram mais uma vez perante o publico o melhor instituto de ensino portuguez, de que fazem parte.

Candido de Figueiredo, da Academia Real das Sciencias. *Lições praticas da lingua portugueza. Volume II. Segunda edição, muito corrigida.*

Lisboa. Livraria editora, Tavares Cardoso e Irmão. 5 — Largo de Camões — 6.

O nome do auctor, o mais erudito em questões de linguagem, o que mais a fundo e com mais amor patrio e desinteresse tem estudado o nosso idioma nacional, é o elogio maximo d'esta obra prima no seu genero, em que talvez seja unica.

As lições praticas são uma numerosa aglutinação do barbarismo e solecismos barotramente aventados pelos jornaes portuguezes de todas as côres e elevação. São uma formidavel, chistosa mas curtez reprimenda a certo grupo de jornalistas, illustrados sem duvida nas questões palpitantes da politica, mas em materias de correcção e pureza de linguagem, escorregam em cada linha do seu diario.

Atrae n'esta obra não só o assumpto pela clareza, e utilidade, mas sobre tudo pelo chiste e maneiras geitosas com que o celebre Caturra Junior, mette a pimenta na bocca dos delinquentes. Lê-se com o interesse e fernezim com que engulimos o mais bello romance. As pessoas amigas de se rirem com anedotas, romances e almanaques, hão de gostar immenso de se rirem a bom rir com as chalaças instructivas das lições praticas. Rirão muito e muito aproveitarão, que muito terão tambem que corrigir.

Auroras d'Alma. — (Poema d'um seminarista). — Braga. Papelaria e Typ. Universal, Praça do Barão de S. Martinho.

E' um pequenino folheto de 44 paginas, levando em conta o Indice e o Antiloquio que occupa cinco folhas.

Não tive sufficiente pachorra para percorrer com a vista (com o coração não que não tem ali entrada, pelo menos o meu) estas longas 44 paginas. Saltei d'aqui para ali, li aqui e além e bastou para dizer aos meus leitores, que ha mais e melhor e mais bonito e mais util para gastar o tempo e se o não houvesse antes fazer cera ou palitos para espavitar os dentes.

As Auroras d'Alma (que auroras tão pequeninas) são um livro... deixa-me calar, não vão dizer os meus leitores que vale mais a critica que a obra.

Brumas y Celajes. — *Legendas y remembranzas del tiempo viejo.*

E' um elegante volume, de 226 paginas, ofrecido aos subscriptores da *Hormiga de Oro*, uma das melhores revistas hespanholas. Eis as lendas: 1.º El arbol de la vida. — 2.º Poveio Pilato. — 3.º Los Cavalleros de la Merced. — 4.º Vuelos del alma. — 5.º La rija del Maestro de Capilla. — 6.º La ultima sonata. — 7.º Leona. — 8.º La mascara de Oro. — 9.º Quinta de Loulanges.

Todos conhecem, como o amor ás lendas esta arreigado no espirito dos povos da nossa peninsula; desde creanças estamos acostumados a ouvir

historias de fadas e de mouras encantadas, que sempre revivem na nossa imaginação, embora rebustecida por outros estudos mais positivos. Foi por isso que a *Hormiga de Oro* mimosiou o publico com o lindo volume das *Legendas*. Debaixo d'um estylo primoroso, appareceu n'ellas todas as virtudes que deve praticar um bom christão, mesmo nos momentos mais criticos da vida. Quem conhece a lingua de Cerrantes, deve lêr as *Legendas*.



### As nossas illustrações

I — DELAREY, GENERAL BOER. — Cabeça volumosa, barba abundante, aspecto, sereno e meditabundo, de poucas palavras estatura de quasi seis pés, DELAREY, é um dos mais estimados generaes das tropas boers, talvez o mais talentoso, esforçado e destemido, soldado d'ellas.

Como Dewet, é de poucas palavras, mas pesadas, e concisas como as suas ideias. Nas camaras populares é conhecido pelo enfatico epiteto de **HOMEM DO SILENCIO**.

Nada de exitações nem duvidas em realisar um plano que se lhe afigura salvador n'esta ou n'aquella circumstancia; sejam quaes forem as difficuldades que se opoñham, uma palavra só basta: **AVANTE PELA PATRIA**, e tudo se moveu.

Persuadiu-se tão intimamente que a sua patria chegou a idade de se emancipar, que se pode governar por si, que já não necessita do amparo de estrangeiros, que parece estar apostado a libertal a do jugo estranho, ou emancipar-se elle pela morte no campo da batalha.

São inumeraveis os feitos militares commetidos por este valente general para a realisação da sua patriótica aspiração.

No principio da guerra pejeou a oeste, opondo-se a Methuen que avançava sobre Kimberlei. No rinhido combate de Mader-River, onde seu filho que muito estremecia lhe caiu morto aos pés, fez prodigios de valor. Na batalha de Magersfontein, tão desastrosa para os inglezes, commandou a esquerda da linha boer. Quando Cronge foi cercado em Paardéberg por 40:000 inglezes, Delarey esforçou-se até ao heroismo por salva-lo. Como Dewet combateu nas sangrentas campanhas das immediações de Colesberg; e opoz-se heroicamente á marcha das tropas britannicas sobre Bloemfontein, Johannesburg e Pretoria. No encontro de Sand River commandou a ala direita.

Depois d'estes prodigios, Delarey adoeceu. Estava de cama quando lhe chegou a noticia da entrada de Roberts na capital. O valente general estremeceu de colera. Sentindo-se ferido no seu orgulho nacional, levanta-se e recomeça com novo ardor e brio essa gloriosa campanha, assombro da Historia, e pasmo do mundo, contra uma potencia europeia que se julgava a **SENHORA DOMINADORA** e intagivel do mundo.

Nitral's Neck, Vlakfontein, Nooitgeda-



cht e Moeduilh, foram os ultimos campos de sua gloria. A derrota do coronel britânico Von Donop e sua columna junto de Klerksdor, e a de lord Methweu em Ta-aibosch, são os seus ultimos feitos militares.

Delarey não descança. A sua patria pode ter uma vida nacional independente? é necessario emancipal-a? Pois trabalhe-se até á ultima, pelege-se até a derradeiro folego nacional até á ultima gota de sangue boer.

Não terá a dita de arrancar com suas mãos a bandeira inglesa da palmo mais esconso de terra transvaaliana, e arborar o pendão nacional, ovante solto as brisas patrias? Não importa. Já mostrou ao mundo inteiro que a Inglaterra é mais fraca do que parecia; já venceu moralmente a nação julgada invicta; já convenceu seus irmãos de que amanhã, com alguns esforços de valor podem espulsar o teimoso inglez de um terreno que é seu e que elles só teem direito de

quer pela palavra, nos movesse apenas o amor que lhe devemos, amor que nos impõe a moral christã ainda acima do domestico e paternal, quanto mais meritorios, louvaveis e aceitos seriam cá e alem campas os nossos trabalhos! Mas não damos um passo em serviço da nação ou do individuo, ou de uma colectividade, que não seja para grangear, a estima publica, o elogio do jornalismo, as medalhas e titulos distinctivos, as posições salientes e rendosas e... o nosso interesse.

Que não sirvam os honrados boers para desmascarar as fraquezas da Inglaterra sómente, aventem tambem as nossas fraquezas particulares e nacionaes, corrija Delarey as eivas do nosso caracter mesquinhamente interesseiro.

\*  
\* \*

II — SEPULCRO DE ABSALÃO. -- Nas cercanias de Jerusalem ouvem-se vivas, acclamações, gritos estrepitosos de guerra. Um grosso exercito vem em direitura do palacio real com ares aggressivos.

Absalão acclamado rei, pelo povo que amotinara com afagos e blandicias, vae espulsar da Cidade Santa a seu pae e usurpar-lhe o throno.

David ouvindo a gritaria de guerra e informado do perigo, e reconhecendo que seu filho Absalão era a espada da ira de Deus que lhe profetizara Nathan, curva-se humildemente ao seu golpe, fugindo disfarçado da cidade. Com a cabeça coberta e os olhos rasos de lagrimas cravados no chão, subiu o Monte das Oliveiras em demanda de abrigo na solidão.

Não houve insulto que lhe não atirassem á cara n'esta fuga. Os mais infimos plebeus lhe jogavam piadas insultantes. Semei descendente de Saul teve a petulancia de o seguir passo por passo injuriando-o baixamente, chegando ao descaramento de lhe atirar pedras. Um dos generaes, que acompanhavam David, quer castigar o atrevido, mas o Rei Penitente não lh'o permite.

-- «Deixa que maldiga esse homem a um criminoso a quem Deus pune. Se é Deus que se serve da perversidade de Semei, para castigar os meus crimes, quem somos nós para lhe pedir contas?»

Absalão entretanto demorava-se em Jerusalem, saboreando as delicias do throno usurpado, e David teve tempo para reunir



ELOCIPEDICO

governar, e isto lhe basta. Vencer elle ou seus irmãos, hoje ou depois da campas, para este heroe é tudo o mesmo, porque não busca medalhões de honra procura a libertação da sua patria.

Se nós fossemos assim desinteressados em fazer o bem! Se nas obras de caridade publica e individual olhassemos só para a gloria de Deus e para a nossa felicidade eterna; se nos serviços prestados á nossa patria quer pela espada, quer pela penna,

o seu exercito e marchar ao encontro do rebelde.

Postas as tropas em ordem de marcha, chamou os tres generaes e recommendou-lhe que sobre tudo poupassem a vida de seu filho Absalão.

Os dois exercitos bateram-se feramente.

David na solidão do Monte Olivethi esperava resignado a sorte que Deus queria dar ás suas armas.

Passados alguns dias um enviado dos tres generaes procurava-o no seu retiro.

Topando-o ajoelhou-se deante d'elle saudando radiante de alegria: — «Viva o Senhor Deus de David que confundiu os vossos inimigos».

— E o meu filho Absalão? que é feito d'elle?

Perguntou ancioso David sem se importar com as circumstancias da batalha.

Enquanto o enviado procurava dar alguma resposta satisfatoria ao rei, chegou outro a confirmar o triumpho das armas reaes.

— E meu filho Absalão? não lhe vae mal?

— Tivessem todos os inimigos do meu rei e Senhor a sorte de vosso filho...

Dos olhos do rei rebentaram subitamente, dois rios de lagrimas. David cobriu a cabeça com o manto real e partiu chorando para Jerusalem.

Pae estremoso, comprehendera o que se passara.

Os triumphos do seu exercito, o regosio dos seus generaes e soldados nem sequer lhe lembravam, mas a morte de seu filho é um espinho que se lhe não arranca do coração.

— Absalão, meu filho, ... meu filho Absalão...

Gritava o rei penitente de continuo correndo pelos salões do palacio.

Recolhido na sua camara não come nem bebe a não ser o pranto que lhe alaga as faces.

— Meu filho Absalão, ... Absalão meu filho... que não possa eu morrer por ti.

Joab pede-lhe que se apresente ao povo, que deseja dar-lhe os parabens da victoria, mas David, nada ouve, nada intende, nada sabe fazer senão chorar a má sorte do seu filho.

— Absalão meu filho, ... meu filho Absalão... porque não morri por ti.

Joab enojado entra na camara real, e

esprobra a David o amor demasiado que mostra pelos inimigos do seu throno, e o despreso a que dá os seus vassallos obedientes e defensores do seu rei.

Depois de muitas instancias o Rei enchugou as lagrimas e appareceu ao povo que o saudou com calorosos gritos de entusiasmo.

Investigou depois as circumstancias da morte de Absalão. Perdoou a todos os seus inimigos, e aos causadores da morte de seu filho. A Joab porém que tão insolentemente violara as suas ordens, cravando no peito de Absalão tres lanças proximo á morte pediu a Salomão, que o matasse.

Informado do cadaver do filho amado mandou sepultal-o no sepulcro que Absalão para si mandara erigir no vale de Josafat.

— Os restos mortaes d'um filho rebelde, até a revolta, tumultados pelo carinho paterno que os orvalha de lagrimas... que exemplo de perdão!...

Não parece vêr-se em David morrendo de dôr por seu filho Absalão, Jesus pranteando a sorte fatal da alma que morreu na guerra do peccado movida contra o seu divino coração!

Não vos espanta a resignação de David nas humilhantes provações que Deus lhe enviou, para punir aquelles seus dois grandes peccados?

Na morte tragica de Absalão não vêdes o castigo do filho que ultrajou o amor paterno, que conculcou a obediencia de pae e a submissão e fidelidade de subdito?

O que nos não ensina o SEPULCRO DE ABSALÃO bem contemplado á luz da Historia!...

\*  
\* \*

III — TUMBA CHAMADA DE ELIAS. — Este antigo cenotafio, levantado á memoria de Elias, leva-nos a graves e proveitosas reflexões.

O que era um tumulo entre os povos antigos?

O que é um tumulo hoje, na epoca christã?

Em todas as edades da humanidade se deu aos restos mortaes das pessoas de familia um lugar distincto, separado, consagrado á sua memoria. Todas as religiões acompanharam sempre ao tumulo os professores da sua fé; o sepulchro foi, para todos os povos, um lugar de mysteriosa sau-

dade, e de nebulosos segredos; os funeraes constituiram sempre uma cerimonia religiosa. — O sentimento de respeito, para com os que nos deixam, impõem-se naturalmente ao coração humano.

Os Hebreus e toda a raça judia abriam os tumulos para seus parentes no vale de Josafá. Umas lages brancas demarcavam a sepultura; apenas um ou outro rei, erigia um monumento para as suas cinzas. Os parentes do finado acompanhavam-no entoando cantos e hymnos; umas mulheres assalariadas pranteavam-no e a sua familia guardava luto por sete dias, não comendo senão depois do sol posto, passando o resto do dia sentada sobre a cinza com a cabeça coberta. Os Egipcios abriam nas rochas catacumbas onde collocavam em fileiras os cadaveres embalsamados. O morto, se era principe juiz ou homem publico, era acompanhado por quarenta juizes até á orla do lago que separava as catacumbas do povoado. A' vóz d'um arauto parava o prestito pousava-se o morto na praia e procedia-se a uma rigorosa devassa da sua vida. Crimes occultos, particulares e publicos, realisados ou projectados tudo ali era julgado, sem defesa, nem respeito ou receio algum. Se o julgado sahisse conlemnado era privado das honras funeraes, e apagado seu nome dos monumentos publicos para nunca mais se pronunciar se fôra rei. Os romanos orlavam as vias publicas com renques de urnas, cofres das cinzas dos cadaveres que após a morte queimavam. Os guerreiros eram ás vezes sepultados á beira-mar. Os aiteses conduziam, com religioso prestito, os seus finados aos mausuleus levantados nas praias. O mestre de ceremonias segredava umas palavras mysteriosas ao ouvido do defunto, deitavam-no sobre um berço suspenso do tecto, e emborcavam-lhe por cima uma canoa. Uma mulher de soltos cabellos, e os pés mettidos na agua, sentava-se sobre uma pedra á porta do monumento e vertia os ultimos prantos. Os antigos escocêses tumulavam os restos de seus familiares junto d'um velho tronco de arvore secular, na floresta e balisavam-lhe a campa com quatro musgosas pedras. Os chins e turcos enterram os mortos nos jardins.

Todos os povos guardaram com respeito os jazigos de seus parentes; mas que era afinal um tumulo antes do Christianismo? A

balisa extrema da vida, um monumento saudoso que recorda ao viandante que viveu um homem. Quasi mais nada.

Não assim no Christianismo.

Um sepulchro, para um christão é um monumento levantado entre o tempo e a eternidade, que de um lado lhe fecha a porta d'esta vida, e do outro lhe abre a dos tempos immoveis. O cemiterio — as catacumbas do christão — são para o filho da Igreja um vasto dormitorio, onde repousam dos cansaços da vida seus irmãos, até que os disperte o clangor da trombeta do archanjo.

Para elle um sepulchro não guarda um punhado de inuteis cinzas, conserva um pouco de barro, que ao novo sopro da Omnipotencia, formará o homem que ao partir para além mundo deixara ali para memoria da sua passagem pela terra.

Um gentio ao passar junto da sepultura campestre de seus paes e familiares, olha-a com saudade e chora, porque lhe fizeram falta. O christão ao abeirar-se da campa de seus irmãos descobre-se e reza pelo seu descanso eterno, porque crê que vivem.

Para o gentio finda ali a vida, pára ali o tempo; para o christão começa ali a vida, e aquelle moimento é o primeiro e unico instante da Eternidade.

Colocados á beira das estradas publicas os sepuleros romanos podiam lembrar ao transeunte que a vida é uma curta viagem; erguidos á beira-mar os aiteses podiam lembrar-se ao fitarem os seus tumulos que a vida era aquelle mar que espreguiçando-se vinha beijar docemente o moimento funebre, e a morte o triste naufragio que lançou á praia o pobre naufrago — o morto; as catacumbas egipciasas banhadas pelo clarão melancolico da lua, podiam persuadir os egipcios de que a vida era inconstante e passageira como aquelle astro da noite; podiam os antigos escoceses comprehender a efemera duração da vida humana nas flores que tapetavam as campas de seus paes e avós, no canto das aves e no murmurio das brisas que adormentavam o morto á sombra de arvore cem vezes secular.

Mas que lições são estas comparadas ás dos tumulos christãos?

Entrae n'um cemiterio á hora que vos aprouver.

A cruz erguida no portão de ferro sobre

o symbolo da morte, impõe-vos silencio, obriga-vos a descobrir-vos e a recolherdes o espirito.

Ides entrar no local das grandes commoções.

Entraes. De subito abala-vos um choque, arrepia-se-vos o corpo, o coração pára-vos dentro do peito. A morte, a eternidade, o ceu e o inferno, o espectáculo dos tumulos já vos está na alma. Paraes sem saber porquê, e ficaes-vos a olhar a perspectiva dos despojos da morte, pasmados, attonitos, como estatua de mausuleus.

Depois d'este primeiro golpe começas a visita e durante ella as ideias mais nobres e momentosas veem occupar a vossa mente.

— Quantas gerações aqui entraram! Quantas e quantas!... E tudo já lá vae!...

— E após estas quantas virão ainda engrossar estes despojos da morte?...

— Quantos odios, inimizades avarezas, maledicencias, detracções, impudicias, roubos e assassinos não clausuram estes muros?!... E morreriam com a morte?... Não. Dormem com o criminoso para resuscitar com elle, para decidir a sua sorte.

— A penitencia, o arrependimento, a castidade virgem, a continencia christã, a caridade, a resignação, tantas virtudes que se enterraram aqui, desfê-las a morte?... Não. Dormem com o fiel christão para o glorificarem.

Que innumeravel não é a familia que dorme n'este subterraneo dormitorio!... E qual será a sorte d'ella para além da campa?!... Quando á voz do archanjo estes tumulos vomitarem os seus mortos, quantos seguirão revestidos de luz o caminho do Paraiso, quantos o despinhadeiro da eterna infelicidade?...

Este aqui é um jazigo de familia; terão todos a dita de se abraçarem n'aquelle tremendo dia n'um amplexo amoroso entre os córos dos serafins? Não terão de apartar-se alguns com um gemido de desespero sempiterno, para as massorras eternas da expiação do crime? Alli por debaixo do seu busto repousa um doutor; saberia a sua sciencia ganhar-lhe o paraiso? Saber-se-ha depois. Aqui á direiia descansam duas irmãs; não se quebrarão para sempre os laços que as estreitaram no mundo?... A' esquerda é um sacerdote; viverá da gloria do Cordeiro Immaculado a esta hora?... Acolá n'aquelle pequeno jazigo dormita uma

creança; cinco annos apenas, e deixou cá na terra a chorosa mãe; chegarás Luizinha, anjo do Paraiso, a abraçar ainda tua mãe? Se fôres dos eleitos do Pae Celeste... Faz-lhe frente um joven de doze annos que dorme sob as asas de um anjo; serás hoje Luizinho companheiro do Parainfo celeste que te vela a campa? Se fostes innocente como elle...

— E eu que agora assim penso dos mortos, quando amanhã, outros fizerem eguaes juizos sobre a lousa da minha campa onde estarei... qual será a minha sorte na Eternidade?...

E' este o pensamento final que vos acompanha á sahida, e que vos não deixa n'esse dia que consagraste á visita dos que já não vivem.

Podia receber de seus tumulos eguaes lições o paganismo? A Philosophia da sua religião era muito material, limitada e terrena para lhe dar tão altas ideias.

Eis as reflexões a que nos levou tão naturalmente a TUMBA CHAMADA D'ELIAS.

Se os christãos animados do espirito d'este grande propheta soubessem aprender nos tumulos as lições que a Religião Christã escreve ali, não seria tão grosso o numero de aquelles que entram nos nossos cemiterios desprevenidos para d'elle sahirem.

Cada estatua num cemiterio é um pré-gador, cada epitafio um livro; quizessem os christãos, ouvir aquelles e lêr estes e a regeneração das consciencias seria prompta.

Tumulos ha de santos de que a historia narra muitos milagres; tambem as sepulturas dos simples fieis os fariam, se se escutassem as vozes da campa se se preserutassem os segredos do tumulo se se frequentasse a escola do cemiterio.

\* \* \*

IV — SPORT VELOCIPEDICO. — Em principios de novembro do anno findo, realizou-se em Paris, um magnifico *sport* velocipedico no velódromo do Parque dos Princepes. Os nomes do afamado bicicletista americano Michael e do seu rival allemão, Robl, inscriptos no programma juntaram a cidade toda no local do certame.

Foram prodigiosas as distancias percorridas. Michael enguliu 73 kylometros por hora; Robl 65 kylometros e 742 metros em egual tempo.

Espanta vêr como o homem, ajudado

simplesmente da sua força e arte, possa fazer rolar 53 a 60 kylos sobre uma roda com a velocidade d'um comboio expresso. Espanta, mas admira ainda mais a quem reflexiona na potencia intellectual e physica do homem, vêr a Deus solícito em prender a natureza humana, com tantos dons, e tornar-se o homem, cada vez mais ingrato, á medida que as descobertas scientificas se aglomeram. E quando o progresso das artes e sciencias nos deviam primariamente levar ao conhecimento da Omnipotencia Divina, q e forças tão maravilhosas deu á natureza, e quando deviamos sahir humildes, submissos e gratos da escola do progresso, sahimos activos e ingratos, pelo menos descuidados e frios.

E está dada a primeira lição.

A segunda podia versar acerca da velocipedia perante a hygiene e demostrar aos senhores bicycletistas que a velocipedia origina a atrofia muscular, pelo exercicio continuo e violento a que sujeita o sistema nervoso e muscular; a tuberculose pela posição afogada da caixa toracica, posição que definha pouco a pouco os pulmões, e outras muitas más consequencias que o *sport* continuo pode acarretar para a juventude que se vae fanatizando pela bicycleta, como as elegancias femininas pelo espartilho.

A velocipedia perante a educação da juventude hodierna podia-nos dar bem para uma quarta lição, aliás bem necessaria para certos mocinhos de hoje, que só, porque seu pae tem uma loja de mercearia, ou é homem afazendado, ou patrão de alguma alfaiataria, já desdenham da enchada, da agulha e do balcão, para correr os arredores da sua aldeia á fidalga, ou as ruas da cidade, sem reflectir, que amanhã são homens, necessitam de pensar no futuro, de conservar e fazer progredir o que seu pae lhes legou, e não é montados em bicycleta que se dirigem os trabalhos da lavoura, da alfaiataria, do escriptorio, nem da loja.

Muita verdade e bem a proposito se podia emitir relativamente á educação de agora, tão efeminada, mas Michael, Robl e um terceiro que não conheço, lá vão levados em vertiginosa carreira pelo velódromo fóra, palmeados pelos espectadores, e com elles mais veloz me fuge o tempo, não applaudido, mas chorado por mim que me não dá para tudo e me faz cada vez mais velho.

## Chronica universal

### ROMA

**A influencia do papado. — Vitalidade da Egreja.** — Dissemos na nossa ultima chronica, que era admiravel e maravilhoso o espectáculo que offerece ainda hoje a Egreja Catholica no meio de toda a sociedade. Sim, a Egreja combatida furiosamente por toda a parte, domina com a luz brilhante que de si dimana os escambros das sociedades modernas cahindo em derrocada. Nem podia deixar de ser assim porque uma sociedade que tem por origem Jesus Christo, que tem por fim a felicidade do homem na terra e no ceo necessariamente deve attrahir ao seu seio todos aquelles que aspiram a conhecer a unica verdade, que é a religião christã.

Divino como a Egreja é o papado.

O preceito que Jesus Christo mandou ao primeiro Papa do mundo S. Pedro, de ensinar e apascentar o rebanho de Jesus Christo, foi transmitido de seculo em seculo gloriosamente até aos nossos dias, e hoje esse mandato divino brilha mais do que nunca no actual representante do Divino Mestre, o soberano e glorioso Pontífice Leão XIII

Venerando ancião sobrecarregado de annos e trabalhos não desfallece no meio dos combates que vê erguerem-se por toda a parte contra a Egreja Christã. Dia a dia sahem da sua penna aurea cartas encyclicas em que Leão XIII mostra ainda a robustez e vitalidade da sua intelligencia.

Os leitores conhecem já uma das mais bellas cartas encyclicas que publicou o Soberano Pontífice por occasião das festas da Paschoa que dirigiu ao orbe catholico. Fizemos o resumo d'essa carta na chronica do mez passado, por isso embora fosse o nosso desejo publicar-a na sua integra não o podemos fazer por falta de espaço.

Depois d'essa carta que produziu grande sensação no mundo christão, Leão XIII dirigiu uma outra a Mons. Posilovic Bispo de Agram a respeito da questão da Obra de San-Gerolamo de Roma.

Em primeiro logar, Leão XIII lembra e agradece as provas de benevolencia e adhesão que o povo croata tem tido para com a Egreja Catholica e sobretudo para com o Soberano Pontífice, Leão XIII estranha e até mostra estar singularmente intristecido pela agitação de que fora atingido o povo croata em consequencia da decisão Pontificia a respeito da questão de San Gerolamo.

Na verdade, diz o Papa, ninguem tem razão para se queixar de que Nós tivéssemos mudado o nome d'este Instituto, porque os direitos que a vossa nação tem sobre o collegio não foram atingidos nem isso trouxe prejuizo a ninguem.

O nosso decreto contem e confirma tudo o que está escripto no breve *Slavorum Gentem*.

Mencionaremos até — o que é — d'uma grande importancia que a mudança realisada não indica absolutamente nenhuma affronta á dignidade e á excellencia do povo croata, porque essa mudança foi feita sómente por solícitude para

com o vosso povo, para salvação das almas e em proveito da Igreja.

Pae cheio de bondade, Leão XIII não quer de maneira alguma que a perturbação entre em alguns de seus filhos por isso procura logo com todo carinho cortar as dissensões que por acaso poderiam surgir.

— Depois d'esta carta Leão XIII dirigiu suas vistas para os catholicos da America. A carta que o Santo Padre dirigiu ao Cardeal Gibbons mostra a terna solicitude que elle consagra a esses filhos queridos.

Leão XIII, primeiramente envia ao venerando Cardeal Gibbons e aos outros Arcebispos e Bispos dos Estados-Unidos da America a benção Apostolica. Depois o augusto Pontifice mostra que na larga e brilhante successão dos Pontifices Romanos fôra Elle o terceiro a quem Deus concedeu o dom especial de inaugurar afortunadamente o vigesimo quinto anno do seu sacerdocio supremo. «Porisso com justa razão, exclama Leão XIII, Nos alegramos por esse acontecimento extraordinario e em toda a parte os que professam a fé catholica nos felicitam, inspirados pela sua veneração á Santa Sé Apostolica. Mas, se n'esta corôa de homenagem nos é agradável a voz de todos, a dos Bispos e fieis da America fez-nos experimentar uma especialissima alegria, já pelas condições que tornam o vosso povo superior a muitos outros, já por causa do amor especial que Nós temos por elle.

Dignastes-vos, querido Filho e veneraveis irmãos, na carta collectiva que Nos dirigistes, enumerar em detalhe os actos que, animados pelo vosso affecto, realisamos em favor das vossas Igrejas desde o principio do nosso Pontificado. E' nos muito agradável tambem recordar-vos multiplas consolações que nos ultimos tempos Nos foram dadas por vós.

Se desde o principio do Nosso Supremo Apostolado experimentamos grande alegria ao considerar a situação do vosso povo, agora, tendo exercido durante mais de vinte e quatro annos o nosso Pontificado, devemos reconhecer que em nenhum momento deminuiu esta antiga alegria, mas que, ao contrario, dia a dia se aviva, á medida que vão sendo, entre vós, mais brilhantes os progressos da fé catholica. Devem se attribuir estes, em primeiro logar á vontade de Deus, e, depois, ao vosso zelo e trabalho. Deve-se tambem felicitar a vossa sabedoria, porque, conhecendo bem o caracter d'essas nações, soubestes promover com prudencia toda a especie de instituições catholicas em conformidade com as necessidades e tendencias dos habitantes.

Na vossa obra ha um ponto que merece ser citado com louvor. Tendes trabalhado e trabalhades ainda com ardor para estabelecer e manter uma estreita união das vossas Igrejas com esta Igreja mãe e com o Vigario de Jesus Christo na terra.

E' em Roma, com effeito, como vós declaraes collectivamente que reside a cúspide e o centro de toda a auctoridade, de todo o magisterio e de todo o sacerdocio

E' de Roma que irradia a unidade com que Jesus Christo revestiu a Igreja e que é o signal principal com que esta se distingue de todas as seitas humanas».

Depois Leão XIII diz, que nunca deixou falar a saudavel influencia d'essa auctoridade e d'esse magisterio a nação alguma, e assim tambem não permittiria que faltasse aos seus povos. Effectivamente, diz que aproveita gostosamente todas as occasiões para lhes mostrar a constancia do interesse que lhe inspiram as suas almas e a prosperidade da religião do seu povo.

Acrescenta que uma larga experiencia obriga a reconhecer que, graças aos seus esforços encontra entre os seus compatriotas, espiritos doces e almas ardentes dispostos a corresponder a todos os seus desejos. Depois mostra que todas as nações que ha muitos annos professam a religião christã tem passado por vicissitudes e evoluções terribes e afflictivas; mas que o estado das suas Igrejas, ao contrario, possuindo, por assim dizer, uma juventude florescente regosija todos os espiritos e enche-os de alegria.

Reconhece-se ainda que o governo civil não concede aos seus Veneraveis irmãos e aos fieis nenhum privilegio; mas que os chefes da republica merecem todos os elogios por não negarem a nenhum nenhuma das justas liberdades.

Exorta-os, portanto, a que elles e os fieis confiados á sua guarda aproveitem estas boas occasiões para operarem vigorosamente, a fim de espalhar o mais possivel a luz da verdade em presença dos erros que se vão multiplicando e das opiniões absurdas que surgem por toda a parte sem cessar.

Leão XIII reconhece que os seus Veneraveis irmãos têm feito todo o possivel para espalhar essa verdade e essa luz, mas recommenda-lhes ainda d'um modo especial a educação da juventude e a prosperidade dos Collegios e Seminarios catholicos. «Que mais fresta dizer? conclue o Soberano Pontifice. Para instruir e fazer voltar á verdade os dissidentes, haveis escolhido entre o clero homens doutos e honrados, encarregados de percorrer todo o paiz usando da palavra em publico já nos templos e outros edificios, já nas reuniões particulares, onde explicam as difficuldades que se oppõem aos principios religiosos.» Depois recorda a caridade que têm tido para os pobres negros e indios, enviando-lhes ministros da fé e consagrando-lhes grande importancia; admira o seu grande zelo e louva o amor que tem pela salvação d'essas almas.

Por ultimo Leão XIII diz que omittiria um dever de gratidão se não patenteasse o prazer que lhe causou a generosidade dos seus filhos que enviaram grandes recursos pecuniarios para auxilio da Sé Apostolica em circumstancias tão dificeis como as actuaes.

— No meio de tantas perseguições que se têm movido contra a Igreja, Leão XIII consolase com essas provas de sympathia que lhe dirige todos os dias o mundo christão.

De diversas partes da Europa têm ido ao Vaticano apresentar ao representante de Deus sobre a terra as provas do seu amor e dedicacão.

Alem de outras peregrinações que Sua Santidade tem recebido durante o presente mez de maio deu audiencia a uma que de certo encheria o seu coração d'uma grande alegria, quero referir-me á recepção dada por Sua Santidade ao seu querido povo de Perusa.

Começou por receber na sala do throno o



clero e a nobreza do paiz, que lhe foram apresentados por Mons. Mattei-Gentili, actual Arcebispo de Perusa.

Passou em seguida á galeria das cartas geographicas. Todos os peregrinos de Perusa se tinham alinhado a um dos lados da extensa galeria. O Papa dirigia-se d'um a outro, permitindo a cada um que lhe beijassem as mãos, conversando ao mesmo tempo com elles das familias e das coisas do paiz.

Entrava em circumstancias tão particulares que fez admirar a todos mais uma vez a força prodigiosa da sua memoria.

Na vespera, antes da audiencia de S. Pedro, a convite do Papa, os mil e cem peregrinos de Perusa, tinham jantado no grande refeitório do Belvedere sob a presidencia de S. Em.<sup>a</sup> o Cardeal Satolli. O conde della Staffa pronunciou um discurso que foi muitas vezes interrompido pelos applausos dos peregrinos. Depois Mons. Radini Todeschi convidou n'um brilhante e eloquente improviso, os peregrinos de Perusa a não esquecerem nunca os favores com que Leão XIII os tem accumulado.

— No dia 27 de abril passado Sua Santidade recebeu S. Em.<sup>a</sup> o Cardeal Moran, arcebispo de Sidney acompanhado de cincoenta catholicos australianos.

O Papa concedeu em seguida audiencia a S. A. R. a princeza Anna da Prussia, land-gravina de Hesse. A vinte e oito de Abril recebeu os arcebispos de Sorrente e Chiesi e o Bispo de Senigaglia.

Recebeu tambem na sala do throno o principe de Sevewenstein presidente dos *comités* catholicos da Allemanha e uns 30 e tantos membros do conselho central entre os quaes alguns deputados ao Reichstag.

O Summo Pontifice recebeu ainda Mons. Eduardo Ilsley, Bispo de Birmingham e Guilherme Wasfling Vigario Apostolico da Guyana Holandesa, bem como, 500 peregrinos bavaros, conduzidos pelo barão Maximiano de Soden camarista do rei da Baviéra e Senador, que pronunciou um magnifico discurso.

O Summo Pontifice agradeceu os sentimentos de affecto filial que lhe têm dedicado os seus Filhos da Baviéra, recommendou-lhes muito vivamente que perseverassem nos direitos da Igreja e da liberdade do Summo Pontifice. S. Em.<sup>a</sup> o Cardeal Steinhuber, da Companhia de Jesus, bavaros de nascença, assistiu a esta audiencia.

A sociedade das Senhoras de Saint-Elisabeth para a confecção de ornamentos sagrados, de Munich, estava representada n'esta audiencia e offereceu ao Santo Padre uma collecção de ornamentos que serão dados como recordações a Igrejas pobres.

Todas estas homenagens representam a vitalidade da Igreja Catholica em todo o mundo e a veneração que todos os christãos têm para com o seu Pae commum o grande Pontifice Leão XIII.

Não podemos concluir sem deixar de mencionar ainda mais uma consolação que teve Leão XIII pela conversão da Rainha Nathalia, da Servia. Sua Santidade recebeu em audiencia particular. Acompanhava-a sua irmã Ghika que reside habitualmente em Roma.

A rainha que ia vestida de preto foi recebi-

da no Vaticano com as honras que se tributam aos Soberanos. Leão XIII mostrou-se extremamente carinhoso para com ella.

Nathalia ajoelhou aos pés do Pontifice, querendo beijar-lhe o pé, mas o Papa não a consentiu. A audiencia durou perto de meia hora.

A rainha Nathalia relatou circumstancialmente a Leão XIII todos os seus pezares de esposa e mãe dizendo :

«Nunca fui tão feliz como no dia em que me converti ao Catholicismo.» Quando o Papa abençoou a augusta penitente esta prorompeu em pranto embargado por uma grande commoção.

Como é bella a Igreja ! ..

## PORTUGAL

**Convenio.** — Uma vista d'olhos sobre a península. — Mais uma vez fallaremos e resumidamente sobre esse desgraçado convenio, porque não vale a pena gastar cêra com tão ruins defunctos.

Os melhores paladinos da defeza das nossas liberdades gastaram toda a sua eloquencia para salvar Portugal d'uma universal ruina. Perderam o tempo ? Não digo que não porque se hoje o character portuguez está corrompido por uma politica immoral, a historia no futuro reivindicará a memoria d'esses que mostraram terem em suas veias o sangue de Albuquerque e Nuno Alvares Pereira.

Não perderam o tempo, mas o convenio passou porque tinha necessariamente de passar. E porque não ? O senhor Hyntze Ribeiro é irrevogavel em seus decretos.

Que importam as representações militares, as representações de todas as collectividades do paiz, que importam os gritos do pobre povo que morre á fome por lutar com milhares de crises e por impostos que sugam os pobres vintens que tinham para matar a fome ? Tudo isso não vale nada em face do supremo dictador snr. Hyntze Ribeiro. O que vale para elle é o cynismo supremo, levado á quarta potencia ; é o regabofe continuo para sua pessoa e seus afilhados ; é a venda das colonias e por ultimo a perda da nação portugueza ! ! ..

Concluimos que não gastamos mais tempo com semelhante questão ; só dizemos que Nero assistia do alto d'uma torre aos primeiros desmornamentos do imperio romano ; era vestido de arlequim tocando na sua flauta, cercado de odaliscas e hestriões que o successor de Cesar dava a primeira cavadéla no sepulchro do grande imperio ; assim o snr. Hyntze Ribeiro similhando-se a Nero não dá sómente a primeira cavadéla, abre o abysmo completo da nação portugueza.

— Falla-se muito em recomposições no ministerio e tambem na quêda do governo. Tudo isso é possível attendendo ás circumstancias actuaes, como tambem é possível que nada d'isso succeda pois que o governo ha-de sahir do poleiro quando muito bem quizer.

Assim o exigem as promessas *moralissimas da vida nova* ..

Ha uma coisa para onde queremos chamar a attenção dos leitores.

Ha alguns quinze dias a esta parte deu uns

ataques de *liberalite-aguda* nas *Novidades* e seu primo co irmão o *Dia*. Parece á primeira vista que esses amigos da religião Catholica Apostolica Romana *liberal* querem tornar a atear o fogo da questão religiosa.

O jornal da esquina do Chiado que em tempo accendia velas a Deus e que hoje as accende ao diabo, grasma com toda a força dos seus pulmões contra a reacção religiosa que os centros nacionalistas estão produzindo em Portugal.

O homem do *estadulho* promete arrasar mundos e fundos se os catholicos não pararem com a *reacção*. (Vá lá esse nome já que gostam tanto d'elle).

Quererá o *illustre* membro do syndicato e *intimo admirador* da nossa revista levantar de novo a questão religiosa?

Ha almas timoratas que pensam isso, porem quasi todas não o crêem assim.

Dizem muitos até que anda mouro na costa. Tudo póde ser!...

Não crêmos que as *Novidades* e o *Dia* queiram levantar de novo a questão religiosa porque isso de questão religiosa são favas contadas e o Zê... já não está para andar a apanhar sóvas dos policias por causa dos dezreisinhos que pagam ás *Novidades* e ao *Dia*.

Basta para prova que os jornaes democratas e mais avançados não se intromettem na questão. Por isso esse phenomeno extraordinario tem outra solução.

Dizem que o governo quer cahir, e que não quer cahir deshonradamente por tanto desejava sahir do poder com outra questão que não fosse o convenio, porque uma quéda n'estas alturas seria morte certa para o partido regenerador e talvez progressista; ora a questão religiosa era mesmo *ad rem* para o caso. O governo dava alguns cobres ás *Novidades* e ao *Dia* e tinhamos fogo vivo por toda a parte contra as congregações religiosas. Será isto verdade? *Dicant Paduani*...

Outros dizem que ha um grande projecto que o governo quer fazer passar e temendo que a imprensa se levante contra elle põe lhe diante dos olhos o *espartalho* de Jesuitas, Frades e Freiras para os entreterem em quanto á sucapa vae passando o projecto, que ha-de ser bonito!

Ora as *Novidades* e o *Dia* jornaes que estão comprados pelo governo levantariam a questão por mandado do snr. presidente do conselho. Quem viu como se levantou a questão religiosa não se admirará que isto possa ser verdade.

Ao que parece anda mouro na costa ou alguma coisa no ar... *Vederemo dopo parlaremo*.

— Agora uma simples vista sobre a península eberica. Quem tiver attentamente estudado a vida politica das duas nações latinas Portugal e Hespanha, verá que em tudo se approximam e se assemelham.

Nem admira, porque a civilisação, a historia, as evoluções politicas consideradas em todas as suas linhas geraes seguiram a mesma trajectoria em toda a península.

Não vimos agora, precisamente, desenvolver esta these, porque nos falta espaço e porque diante de ninguem ella necessita de demonstração; só queremos dizer que actualmente os perigos, os males são analogos em ambas as nações, e por-

tanto os remedios que se devem applicar devem ser tambem analogos.

Ha pouco dizia-nos um illustre hespanhol:

«Portugal não vale nada, mas a Hespanha ainda vale muito menos. E' quasi impossivel viver-se em Hespanha». Esta é a pura verdade; ouçamos o que diz a este respeito o nosso illustrado collega *Correio Nacional*:

«A Hespanha tem os dois *partidos del turno*, como nós temos os dois *partidos de rotaçào*. Sagasta dirige ainda o partido liberal como o snr. José Luciano de Castro dirige ainda o partido progressista. Silvela herdou de Canovas a chefatura do partido conservador como a do partido regenerador foi ter ás mãos do snr. Hyntze Ribeiro.

Para as similhanças serem maiores notam-se ainda dois factos importantes.

Por um lado o estadista Romero Robledo não reconheceu a chefatura de Silvela, estando hoje em citação até certo ponto analoga á do snr. João Franco em face do Snr. Hintze Ribeiro, como as *Novidades* acertadamente inculcaram ha tempos.

Por outro, diversos elementos premeditam varias combinações para a successão de Sagasta como para a do snr. José Luciano de Castro succede em Portugal. A desorganisação offerece os mesmos symptomas parecendo obdecer ás mesmas leis.

O governo da Hespanha tem estado quasi constantemente confiado aos dois partidos de rotação, como em Portugal.

Poucas teem sido lá, como poucas teem sido aqui n'esta ultima época as situações extra-partidarias.

Os males da Hespanha são attribuidos, como os de Portugal principalmente aos erros e desordens dos grupos que têm disposto do monopolio do poder.

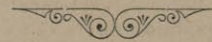
Olha-se para a Hespanha e parece estar-se vendo Portugal.

A policia é a das clientelas.

A administração, no fim de tantas reorganisações de serviços é um verdadeiro cahos. A crise financeira e economica é formidavel, sendo esmagadoras as proporções da circulação fiduciaria, e medonha a voragem dos cambios.

Não é preciso considerarmos o perigo carlista, as inquietações do regionalismo, o desenvolvimento do socialismo revolucionario, para comprehendermos que a nação visinha está realmente, como a nossa á beira de um abysmo tremendo».

Realmente assim é, e os perigos da Hespanha são os perigos de Portugal. Quando uma das nações perder a sua liberdade a outra não póde subsistir.



Pois ou fosse por uma ou por outra causa, ou até por ambas, como parece, logo que o menino Euclides levou a meia duzia, puchadas de traz da orelha, e fez sentir os seus gritos, os amigos da pobre creança, começaram tambem de soluçar.

Dois ouvimos nós aqui.

A «Ponta Grossa» (area impressa: 0<sup>m</sup>,300×0<sup>m</sup>,235=X) de publicação semanal, lamentava assim o seu caro Euclidinho :

«Felizmente a tal *chronica da Voz* é d'aquellas cousas que tresandam a chule e só podem ser agradaveis aos narigões clericæes. E' uma droga importada; veiu de Braga e pertence toda inteira ao bestunto do chronista da «Voz de S. Antonio.»

A transcripção d'esse ranço ultramontano foi feita...

E' uma pena é, «Ponta Grossa», vêr levar uma dose assim, a uma creança d'aquella idade. Mas que quer vocemecê, se o rapaz se portou mal?...

Fez côro choroso com o «Ponta Grossa», pranteando a má sorte do seu Bandeirinha do coração o ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> snr. «O Sapo». Que bem que diz com as vozes dos ralos anti-clericæes de Ponta Grossa, Curytiba e d'outras terras brazileiras, o *tututu* do snr. «O Sapo!...»

Oçam leitores que é solo de contrabaixo :

«Aquella coisa com pretensões a *chronica ligeira*, aquella ligeireza, verdadeiro desabafo de preta mina á porta do mercado, foi innegavelmente a tonica da semana passada.

Apezar de ter sido inquisitoriario grosseiramente um querido companheiro de luctas, Euclides Bandeira, eu bendigo no entanto aquella rajada de estulticia, porque veio mais uma vez demonstrar a lorpice, o odio, o despeito terrivel do burguez. Ah! meus senhores, a burguezia cirandou de gaudio, babou se toda de prazer, espojou se de satisfação com a descomponenda de escada abaixo! Sentiu-se vingada porque ella nutre um odio de morte contra todos os homens dos ideaes, contra todos os que não commungam com ella a hostia da inferioridade, contra os que esmagam-n'a aos pés! Ter talento para ella é crime.»

E continua com a lenga-lenga da burguezia, por não ter mais que cantar o pobre «O Sapo».

Já me ia esquecendo o ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> snr. «O Sapo» tem uma area impressa de 0<sup>m</sup>,235×0<sup>m</sup>,175=X, e creio que, como a «Electra» é semanal.

Muitos outros jornaes anti-clericæes teriam acompanhado na dôr das unhas o menino Bandeira; não sabemos quæes, mas por estes e pelo costume, fazemos ideia Cantam todos pelo mesmo papel.

Pois snr. Euclides, (agora a serio) já que estranhou v. ex.<sup>a</sup> ser tratado d'aquelle modo pelo meu collega-chronista, sempre lhe direi que nós os *ultramontanos* e *fradaldhões* não costumamos fazel-o assim com todos e sempre, como diz.

O nosso proceder é este :

Quando se nos apresenta um ignorante humilde a pedir instrucção, ministramol-a como sabemos. Quando nos bate á porta um erudito ou um sabio, que pretende questionar desapassionadamente sobre pontos em que julga estar a verdade, não estando, disputamos, com o saber que temos, amigavelmente; ora agora quando nos salta ao caminho uma creança velha de abe, lambasando grosseiramente as verdades historico-theologicas e moraes, uma creança que não morre de amores pela *D. Metafisica, et cetera* e tal, então, qual é o homem que, por muito paciente

que seja, não perde as estribeiras, pega de palmatoria e zaz-traz, zaz-traz, dá, dá, até que o maroto atrevido se emnde cresça em sabedoria diante de Deus, dos homens e dos jornaes serio?...

Intende snr. Bandeira?

E' facil de comprehender.

Ora Deus queira que este puxão de orelhas, que vae como sobremesa á meia duzia de bôlos que já saboreou, produza tambem algum effeito.

E já que estou com as mãos na massa, adeus menino Bandeira, saude e juizo, e deixe-me afiar as orelhas tambem a um meu vizinho, que desde ha muito me anda a claudicar.

\*  
\* \* \*

E' «O Jornal de Braga», o meniuo que me recia um par de beiços da S. Luzia, advogada dos marotos, ou um puxão d'orelha ao menos, mas como somos vizinhos, e necessitamos de viver em paz, fique o caso só em palavras e amigaveis.

Escreve A. G. em duas columnas e meia o seguinte, em artigo da Redacção :

«N'este mundo existe apenas uma unica fatalidade — ter-se nascido...»

«Ricos e pobres, novos e velhos, poderosos e humildes, todos soffrem no misero carcere do mundo aonde viemos sem um fim determinado e sem uma utilidade reconhecida nem para nós nem para os outros, concluindo-se finalmente por essa enorme banalidade redemptora que se chama — morrer!

«E para isto viemos cá, sempre descontentes com a nossa sorte, sempre aborrecidos, sempre ansiando por um ideal que nunca atingimos...»

«Quanto mais felizes não eramos em persistir sempre n'esse mysterio inconsciente do germen que não soffre, não gosa, nem possui a menor noção das cousas?...»

«Cada filho que os homens fazem é mais uma desventura que se lança sobre o mundo...»

«Milhares de desgraçados jazem nas cadeias ou expiam no patibulo os seus crimes.

«Venturosos d'elles se não houvessem nascido...»

«Semilhante destino é uma burla, um sonho, uma illusão, mais ainda, um castigo inclemente em expiação, de algum crime monstruoso de que os homens não guardam memoria.»

Não fazemos mais transcripções; bastam estas para o nosso intento.

Um indifferentista, em materias religiosas, não falaria, sobre o assumpto, tanto nem tão bem.

Morta ou amortecida, no coração d'um indifferentista, a fé e a esperanza dos consoladores mysterios de alem campa, esse homem olhando para as condições actuaes da vida humana, com olhos puramente canaens, não vendo senão trabalhos e dôres, contradicções, desillusões e angustias, não comprehendendo o fim para que Deus creou esse ente miseravel chamado homem, e então chama á vida «a unica fatalidade», ao mundo um «misero carcere aonde (onde, aliás) vivemos sem um fim determinado», á morte, «enorme banalidade redemptora», ao homem, «uma desventura», e blasfema: «valeu a pena nascer para isto? Não.»

Nã quero dizer com isto que A. G. seja na realidade um indifferentista. Quero até suppor que seja um catholico mais, ou menos piedoso, e num momento em que as tribulações da sua vida individual mais lhe pesassem, lançasse mão da penna e traçasse, num extase poeticamente aereo, quasi inconsciente, aquillo que fi-

ca acima, que elle mesmo em horas de tranquillidade psiquica e remanso de paixões esteticas, condemnaria. Ha d'estes casos na vida dos escriptores de todo o calibre.

Mas fosse como fosse cumpre-me sempre o dever de avisar o publico inconsciente.

O christão não pensa assim da vida e do seu destino.

Crê que Deus lhe deu a vida, para ser feliz eternamente. Que os dias d'esta vida, são cheios de angustias, que é uma lucta continua a sua existencia atribulada, porque elle deve ser co-roudo com a felicidade eterna, e para isso ha de pelear. Crê que os soffrimentos não são obra de Deus, mas effeitos do peccado original, — crime de que toda a humanidade atravez dos seculos *conservou memoria*. Crê que nasceu não para morrer somente, mas para resuscitar para uma vida emorredoiira. Crê que tem um destino sobrenatural — o Paraizo.

Um christão olha assim para a vida humana.

Mas afinal, o snr. A. G. ha de confessar que não escreveu aquillo a serio, que foi pessimista de mais, olhando mesmo para vida humana com uns olhos meio naturaes.

Não sei como havendo uma consciencia calada e em socego, o nosso mundo interno tranquillo, o nosso coração em paz, e não nos

faltando uma codea e uma pinga, se não vive contente alegre e satisfeito, entre o arvoredo umbroso e verdejante d'este paraizo terrestre, chamado Minho, louvando a Deus por tantas bellezas que para nós creou, e gosando santamente dellas. E da minha opinião creio, ser todo o mortal, que apesar de o ser, olha para o espectro da morte sempre com maus olhos; e estou bem certo que deste numero é tambem o amigo A. G. que não ha-de ter pressa nenhuma em se metter já á tal viagem. Eu pelo que me toca digo que me dou por cá muito bem, e nosso Senhor me vá guardando a vidinha para gloria sua e proveito meu.

Aquella cousa da vida ser «a unica fatalidade» foi mau sonho que teve o Snr. A. G. Faça o meu amigo uma trezena a S. Antonio, agora em Junho, para que o livre da praga dos maus sonhos, e tenha saude e boa consciencia e verá como a vidinha lhe corre doce e tranquilla embalada pelas brisas balsamicas do Minho, como barquinha por mar de leite.

E adeusinho que a cavaqueira já vae muito cumprida e os mais leitores chamam-me o feio nome de massador.

Braga 24-5-902.

O CHRONISTA DA «VOZ».

### Um pequeno giro pelo Purgatorio

E' um livrinho proprio para ensinar os devotos das almas do Purgatorio a empregar os dias da semana em suffragio das ditas almas.

Custa :

De 1 a 10 cada.....	50
De 10 a 25 ".....	40
50.....	1\$750
100.....	3\$000

### Capas da «Voz de Santo Antonio»

Estão promptas para todas as séries; 95 e 96;

97 e 98; 99 e 900 — em boa percalina dourada por 400 réis cada uma.

### A Grandiosa Obra de Santo Antonio

E' um livrinho de 64 paginas, com umas lindas capas a chromolitographia, contendo — *Noticia sobre o Pão dos Pobres — Pia União de Santo Antonio — Vida de Santo Antonio — Trezena em honra de Santo Antonio e mais algumas devoções.*

E' um livrinho que esperamos vêr lido por todos. A isso se destina pelo seu todo, até pelo preço que é só de 50 réis.

Quem o adquirir verá se não deu por bem empregada esta quantia.

**Vida de S. Luiz de Tolosa.** — Pequenas folhas de propaganda Preço de cada exemplar 5 réis com as seguintes vantagens :

Quem pagar 10 exemplares recebe.....	12
» » 20 » » .....	25
» » 30 » » .....	40
» » 50 » » .....	65
» » 80 » » .....	100
» » 100 » » .....	150

# VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILUSTRADA

**Direcção.** — Toda a correspondencia deve ser dirigida unica e exclusivamente ao Rev.<sup>o</sup> Padre Director da «Voz de S. Antonio» — Braga.

**Assignatura.** — 1\$200 réis por anno, no reino e ilhas adjacentes; para os demais paizes accresce o importe do correio.